

Organizadores:

Elane Cristine Almeida da Silva

Josina Maria Pontes Ribeiro

Ricardo dos Santos Pereira

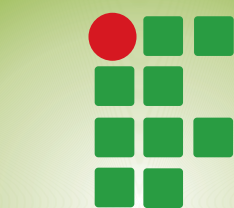
Campus Rio Branco:

*Histórias de vida e trabalho
(2010-2020)*



INSTITUTO FEDERAL
Acre

Campus
Rio Branco



INSTITUTO
FEDERAL
Acre



PROFEPT

MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL
Acre



Campus Rio Branco:

Histórias de vida e trabalho (2010-2020)

*Produto educacional apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e
Tecnológica (PROFEPT), na Linha de pesquisa: Organização e
Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional
e Tecnológica (EPT). Macroprojeto: História e memórias no
contexto da EPT*

DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

IFAC

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte da obra, por qualquer meio, sem autorização ou referência dos autores constitui violação da LDA 9.610/98

Título

Campus Rio Branco: Histórias de vida e trabalho (2010-2020)

Área de conhecimento

Ensino

Público alvo

Comunidade acadêmica

Finalidade

Contribuir como ferramenta para gestão, assim como colaborar enquanto referência para construção de novos conhecimentos, especialmente que tratem sobre memória, identidade e cultura na Instituição

Avaliação do produto

Validado em banca de defesa

Registro

Biblioteca do IFAC, Campus Rio Branco

Origem do Produto Educacional

Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT)

Disponibilidade

Irrestrita, mantendo-se o respeito a autoria do produto, não sendo permitido o uso comercial por terceiros.

Divulgação

Meio digital

Idioma

Português

Cidade

Rio Branco – Acre

Ano

2021

Projeto Gráfico

David Júnior

davidjred19@yahoo.com.br

Revisão Ortográfica

Rosseline Muniz

Fotografias

Arquivo pessoal de servidores

Contato dos autores

Elane Cristine Almeida da Silva

elane.profept@gmail.com

Josina Maria Pontes Ribeiro

josina.ribeiro@ifac.edu.br

Ricardo dos Santos Pereira

ricardo.pereira@ifac.edu.br

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586 Silva, Elane Cristine Almeida da Silva
Campus Rio Branco: histórias de vida e trabalho (2010-2020). / Elane Cristine Almeida da Silva, Josina Maria Pontes Ribeiro, Ricardo dos Santos Pereira. – Rio Branco, 2021.
64 f.: il. color.

Produto educacional apresentado ao curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre - IFAC. *Campus* Rio Branco, 2021.
Inclui bibliografia: p. 58 – 64.
ISBN: 978-65-00-32556-0

1. Memória. 2. Identidade. 3. Produto educacional. I. Ribeiro, Josina Maria Pontes. II. Pereira, Ricardo dos Santos. III. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre. IV. Título

CDD 373.246

SUMÁRIO

Apresentação	6
Memória Institucional	8
Identidade	9
Cultura Organizacional e Cultura Escolar	10
Rede Federal em EPT	11
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia	14
<i>Campus</i> Rio Branco	20
História de vida e trabalho	33
Considerações Finais	58
Referências	59



INSTITUTO FEDERAL
Acre

Campus
Rio Branco

Apresentação

A obra é resultado da pesquisa desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), um programa de pós-graduação em Rede Nacional e no qual o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (Ifac)/*Campus* Rio Branco figura como instituição associada desde 2018.

A partir de uma abordagem fenomenológica, objetivou-se, então, registrar memórias sobre a Educação Profissional e Tecnológica no Acre, especificamente quanto a que é assegurada no Ifac/*Campus* Rio Branco, mediante a coleta de histórias de vida e trabalho dos servidores que vivenciaram o primeiro decênio da instituição (2010 a 2020).

Mais do que registrar a memória institucional do Ifac/*Campus* Rio Branco, esperamos que este produto educacional contribua como uma ferramenta para gestão, assim como seja referência para construção de novos conhecimentos, especialmente sobre memória, identidade e cultura na Instituição.

Eduardo Galeano ao lançar a obra *Os filhos dos dias*, em 2012, afirmou: “[...] os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias” (BIBLIOO, 2013, p. 01). Partimos, então do pressuposto de que mais do que uma estrutura ou edificação formada por um conjunto de blocos, o *Campus* Rio Branco é o resultado da interação de pessoas em um tempo e espaço determinado e, assim, a história desse *Campus* estaria refletida nas diferentes histórias dos sujeitos que a compõe (discentes, docentes, técnicos administrativos em educação (TAE), gestores e comunidade externa).

Isso nos remeteu não só a coleta de histórias de vida tópicas, como também a ampla pesquisa bibliográfica e documental, a fim de que as informações fossem bem analisadas e, quando possível, algumas lacunas deixadas pela memória pudessem ser minimamente complementadas pelas informações bibliográficas e documentais. Ademais, sob uma perspectiva fenomenológica, a pesquisa documental e bibliográfica nos ajuda a compreender, inclusive o por que dos silenciamentos e esquecimentos. A análise dos dados se deu mediante a análise de dados fenomenológicos em documentos escritos a partir das histórias de vida e trabalho coletadas durante da pesquisa.

Registre-se no processo a dificuldade para coleta de dados em tempos pandêmicos, de forma que as histórias que seriam gravadas em áudio e depois transcritas precisaram chegar em documentos redigidos pelos próprios docentes, garantindo assim, todo cuidado necessário para a não propagação da COVID-19. De igual modo, registra-se a dificuldade no que se refere a organização e padronização de documentos, quer sejam eles físicos ou digitais.

Especificamente quanto a coleta de histórias de vida, identificamos que 172 servidores (docentes e técnicos em administração educacional) que foram os primeiros trabalhadores lotados no *Campus* Rio Branco no ano de 2010, apenas 17 servidores permaneceram em efetivo exercício no *Campus* originário de lotação no ano de 2020, sendo todos docentes.

Destacamos que ser do grupo de servidores empossados no primeiro edital de chamamento do primeiro concurso do Ifac e ter permanecido no *Campus* durante o primeiro decênio foi o critério de inclusão planejado. Compreende-se que após essa pesquisa a participação de outros sujeitos (discentes, docentes, técnicos administrativos em educação, gestores e comunidade externa) também precisa ser considerada na construção da memória institucional, que deve ser tida sempre como inacabada e passível de novas propostas de pesquisa.

Esses 17 docentes estabeleceram relações sociais internas e externas na instituição, vivenciaram *in loco* e ajudaram a construir em 10 anos, a oferta pelo *Campus* de 44 cursos de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), organizados em 209 turmas, nas quais se matricularam 7.818 alunos ingressantes. Esses 17 servidores atuaram em diferentes modalidades e níveis de ensino, quais sejam: Formação Inicial e Continuada – FIC, Cursos técnicos (Ensino Médio Integrado ao Técnico, Subsequentes presenciais ou não), Graduações (Licenciaturas, Bacharelados e Tecnologias), assim como Pós-Graduações *lato e stricto sensu*.

Assim, essa primeira memória do Ifac/*Campus* Rio Branco será contada por 08 docentes que, uma vez convidados, aceitaram compartilhar suas histórias, a partir das suas lembranças na Instituição. Conheçamos então um pouco sobre a história do *Campus* Rio Branco e, em especial, a partir da memória de quem vivenciou esse primeiro decênio e existência do Ifac, mas não façamos isso sem antes refletir um pouco sobre memória, identidade, cultura organizacional e escolar, temas preciosos que fundamentaram a pesquisa e devem ser considerados no planejamento de cada instituição educacional.

“Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias”

Eduardo Galeano

Os autores

Memória Institucional

Elane Cristine Almeida da Silva, Josina Maria Pontes Ribeiro e Ricardo dos Santos Pereira

Considerem a memória como a representação das construções e lembranças do passado e, embora nos remeta ao passado, a memória deve ser pensada como atemporal, pois o processo de memorização pode construir no presente outros significados de fatos ocorridos e, assim sendo, deve ser analisada com a criticidade de um fato experienciado ou contado por um sujeito (SANTOS, 2012).

Além de ser atemporal, a memória pode ser tanto individual quanto coletiva. Especificamente no caso da memória coletiva, Le Goff (1992) destaca que essa deve refletir os fenômenos que estão conectados a um grupo específico, podendo encontrar e analisar lembranças comuns e relembrar pensamentos. As recordações precisam ser tratadas com a sensibilidade que lhe é devida, uma vez que tanto a memória pode ser apreendida tanto através da oralidade quanto pela escrita.

A memória é, também, um ato político, principalmente quando se dá voz àqueles marginalizados pela construção da histórica social, tais quais: mulheres, negros, oprimidos, professores, memória da escola, do bairro, entre outros (MENESES, 1992). Ela legitima um passado que pode ter sido negligenciado e colabora na construção de uma memória social (MARTINS; NETTO, 2016; NORA, 1993).

A memória institucional é responsável por resgatar as vivências de trabalhadores e trabalhadoras em seu núcleo profissional. Ela contribui no fortalecimento das lembranças coletivas do grupo. Conta os fatos a partir da lembrança daqueles que fazem parte da essência, o olhar de dentro das organizações, local onde as identidades pessoais, de forma transversal, mergulham em uma identidade coletiva (MICHEL; MICHEL, 2016).

Figura 1 - Primeira turma de Segurança do Trabalho do Campus Rio Branco (2010).



Fonte: Arquivo pessoal de Paula de Lacerda Santos Ribeiro

Identidade

Elane Cristine Almeida da Silva, Josina Maria Pontes Ribeiro e Ricardo dos Santos Pereira

A memória fortalece a identidade pessoal e social, uma vez que no processo de rememoração o indivíduo se reapropria do seu passado e assim constrói sua própria individualidade ou a de seu grupo (CANDAU, 2016). Contudo, deve-se ter em mente que o conceito de identidade é, no entanto, plural, ou seja, cada indivíduo possui diversas identidades e integra diferentes grupos específicos ou comunidade concretizadas, como por exemplo: os núcleos familiares, religiosos, redes sociais, desportistas, artísticos e culturais, dentre outros (BITTENCOURT, 2011).

Bendassolli (2009) e Bauman (2003) destacam que o indivíduo pode permanecer em um grupo enquanto os hábitos e costumes da coletividade são também os seus, mas isso não impede que o mesmo possa procurar novos grupos para fazer parte. Nesse processo há alterações que podem ser internas e externas tanto no que se refere a história, memória e identidade de cada um como dos diferentes coletivos.

Considerando a diversidade identitária existente em cada um, Bendassolli (2009) destaca que uma delas pode se sobressair, que é a identidade profissional ou identidade de carreira. Nessa, o sujeito passa a se relacionar em um ambiente de trabalho com outras pessoas. O processo ocorre a partir do desenvolvimento de respeito as diferenças de cada um e com a possibilidade de criar laços, que podem gerar pertencimento ao grupo, validar seus valores, costumes, tradições e rituais, o que conceitualmente nos remete a cultura organizacional.

Figura 2 - Sala de aula na sede provisória do Campus Rio Branco (2010)



Fonte: Arquivo pessoal de Paula de Lacerda Santos Ribeiro

Cultura Organizacional e Escolar

Elane Cristine Almeida da Silva, Josina Maria Pontes Ribeiro e Ricardo dos Santos Pereira

Nas ciências sociais aplicadas existem diversos trabalhos voltados ao conceito de cultura organizacional, principalmente na área da Administração, na qual o tema é trabalhado como ferramenta essencial para o sucesso de uma instituição, quer seja pública ou privada. Na educação, contudo, a discussão é mais subjetiva, sendo a cultura organizacional definida por diversos “[...] fatores sociais, culturais e psicológicos que influenciam os modos de agir da organização” (LIBÂNEO et al. (2012, p. 441). Uma vez consolidada, a cultura organizacional interfere diretamente na atitude de todos os envolvidos no local do trabalho, o que pode gerar resultados positivos quando organizada e liderada de forma efetiva. É a partir dela que se consegue ter um grupo coeso que se sinta representado pela Instituição que faz parte (CERTO, 2003).

Diferentemente da cultura organizacional, a cultura escolar não está voltada à competição entre os indivíduos ou a imposição de uma cultura sobre outra, mas centra-se na compreensão da diversidade que possui a escola, na totalidade das subjetividades e identidades individuais e, por assim dizer, no respeito a história e trajetória de cada indivíduo que a constrói (MEDEIROS; TORRES, 2018, CARVALHO, 2012).

Construir uma memória, uma identidade e uma cultura organizacional ou escolar para a Rede Federal de EPT é, assim, um desafio grandioso, considerando a capilaridade e a complexidade de uma rede tão nova, mas construída a partir de instituições jovens e também centenárias. Nesse desafio, foi necessário refletir sobre as implicações de ser Rede Federal e nas especificidades de ser Ifac, a fim de que na diferença se evidenciou o que é próprio a instituição.

Figura 3 – Criação e posse do Conselho Gestor do Campus Rio Branco no ano de 2019



Fonte: Arquivo pessoal de Wemerson Fittipaldy de Oliveira

Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica

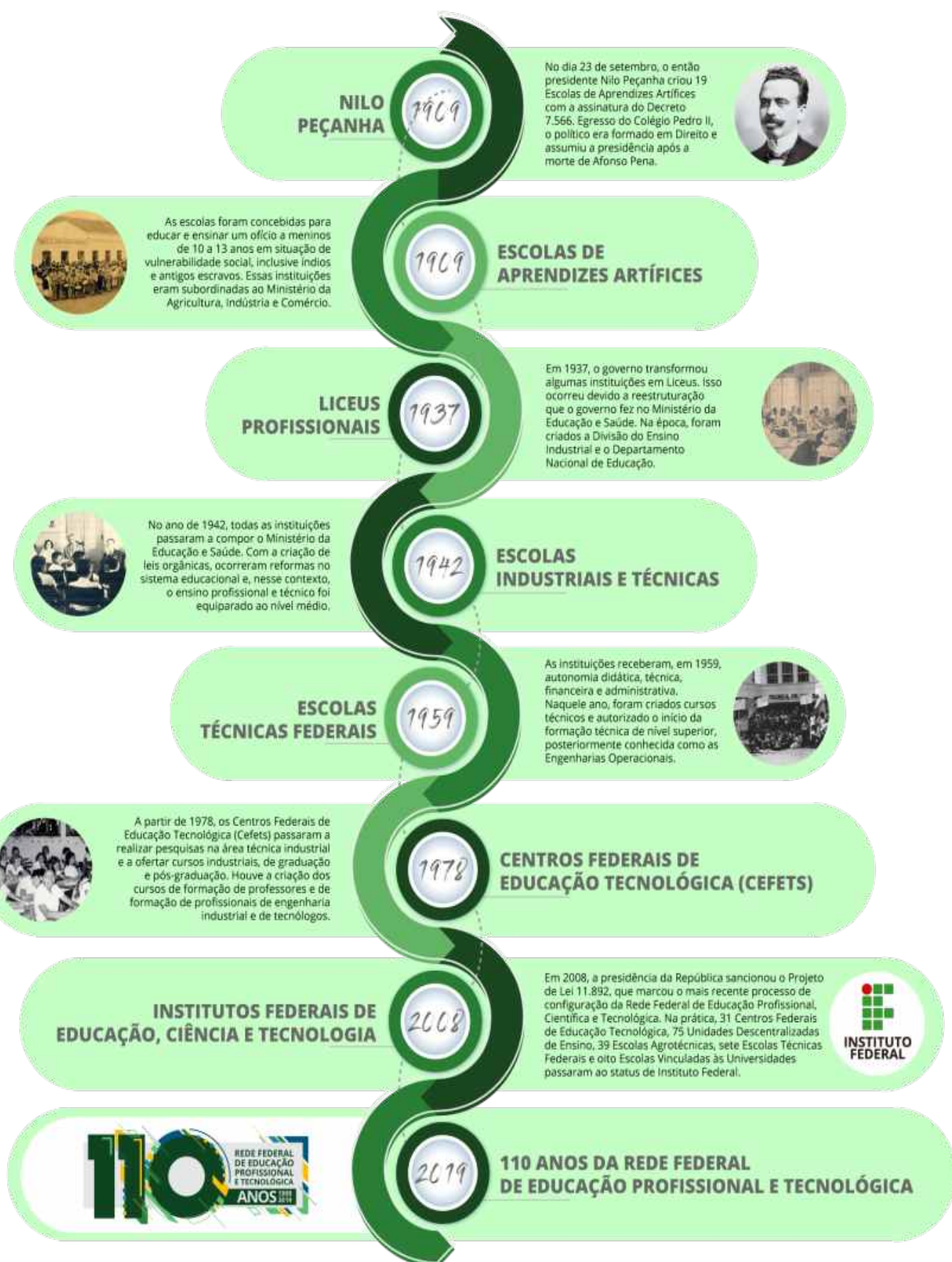
Elane Cristine Almeida da Silva, Josina Maria Pontes Ribeiro e Ricardo dos Santos Pereira

A Educação Profissional no Brasil fora oficialmente instituída em 1909, ainda que já se tenha registros de ensino profissionalizante após a chegada dos portugueses, já em 1549 a partir dos jesuítas que se propuseram a ensinar técnicas aos indígenas e negros escravizados, uma vez que a educação formal era destinada as classes dominantes (CUNHA, 2000; GOMES; MARINS, 2010; MANFREDI, 2016). Embora a contribuição dos jesuítas pareça irrelevante, tende a ser uma possível explicação ao preconceito que se tem até hoje à educação profissional, posto que aprendizes de ofícios estavam diretamente ligados a questão do sistema escravocrata (NÓBREGA; SOUZA, 2015; MANFREDI, 2016). Esse preconceito permanece incorporado nas práticas sociais e políticas seguintes, quando segmentos como os órfãos, desvalidos, pessoas em situação de rua, entre outros passaram a ser público-alvo do ensino profissional assegurados em casas de trabalho ou espaços de reclusão (CUNHA, 2000).

O ano de 1909 é considerado o marco histórico da educação profissional em virtude do Decreto nº 7.566, que permitiu a criação de 19 escolas de artes e ofícios em diversas cidades. Tais escolas antecederam as escolas técnicas e abriram um leque de oportunidade para diversos trabalhadores (ESCOTT; MORAES, 2012). Os 100 anos posteriores foram marcados tanto pela expansão do ensino profissionalizante no Brasil, quanto pela dicotomia entre educação voltada para a formação de trabalhadores que executariam tarefas manuais e educação voltada para a formação de trabalhadores que executariam tarefas tidas como intelectuais. Período de diversas reformas educacionais e legislações que tratavam a educação profissional, ora voltada somente ao mercado de trabalho, ora como recurso para a criticidade do aluno/trabalhador.

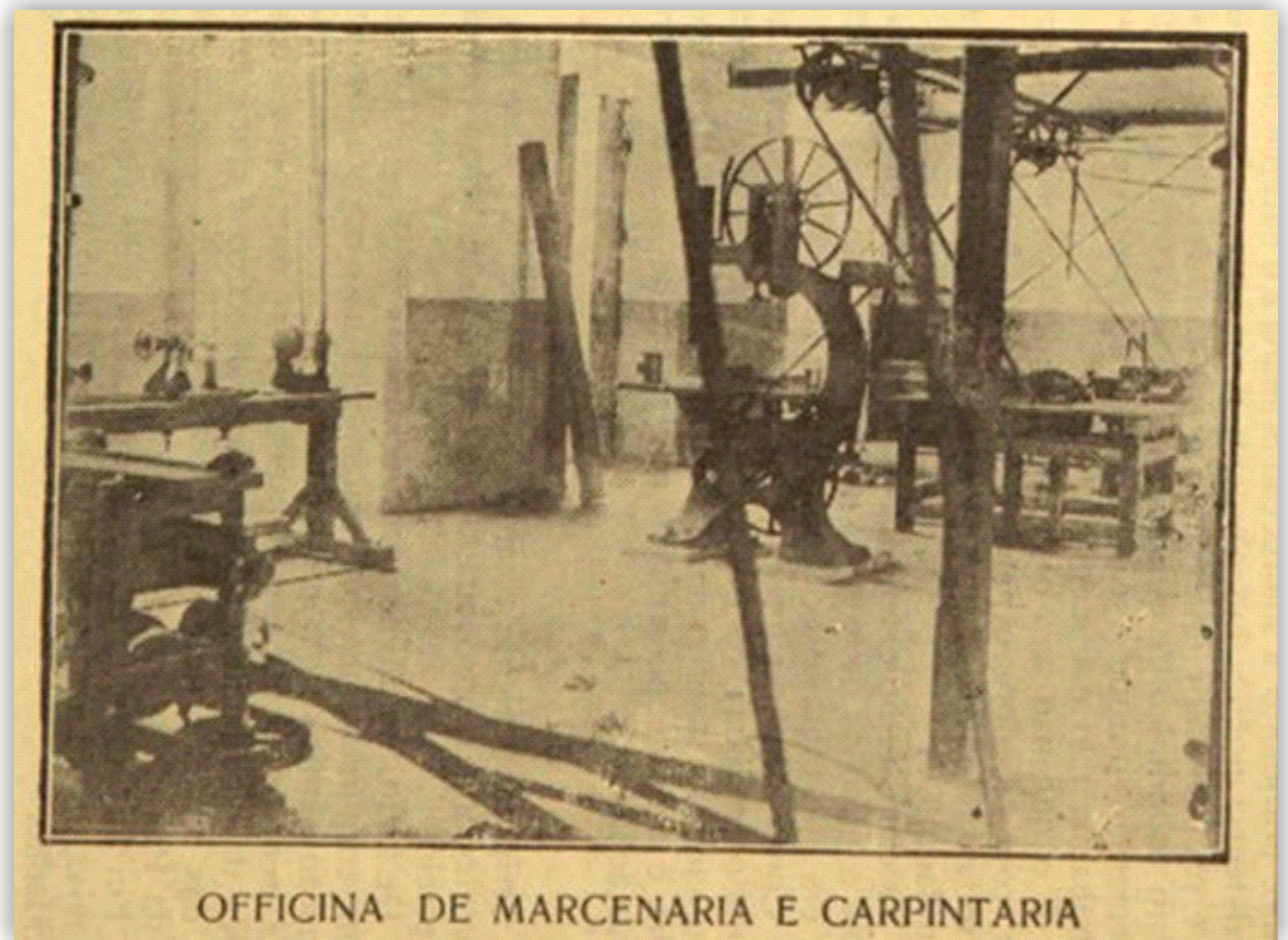
Após esse longo período, no ano de 2008 foi promulgada a Lei nº 11.982 de 29 de dezembro que institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e cria os Institutos Federais. Segundo Aguiar (s.d., p. 10), “[...] é um novo conceito sem similar no mundo. Os Institutos Federais desempenham um papel central e estratégico nessa nova política de educação profissional e tecnológica”. Onde destacam-se: “[...] atuar na formação inicial, no ensino médio integrado à formação profissional, na graduação, preferencialmente, tecnológica e na pós-graduação” (PACHECO, 2020, p. 07). Na Figura 4 apresenta-se a Linha do Tempo dos 110 anos da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica no Brasil e nas Figuras 5 e 6, recortes de jornais do século XX sobre o ensino profissionalizante nos estados do Ceará e Bahia.

Figura 4 – Linha do tempo dos 110 anos da Rede Federal



Fonte: CONIF (2019)

Figura 5 – Cartaz da Oficina de marcenaria e carpintaria em jornal do Ceará em 1910



Fonte: IFCE (2019)

Figura 6 – Ilustração do Jornal o Aprendiz na Bahia em 1946



Fonte: OLIVEIRA et al. (2017)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre

Elane Cristine Almeida da Silva, Josina Maria Pontes Ribeiro e Ricardo dos Santos Pereira

Considerando pesquisas bibliográficas e documentais, a história do Instituto Federal do Acre (Ifac) começa a ser registrada com a divulgação das Portarias Ministeriais nº 1.065, de 13 de novembro de 2007 e nº 1.201, de 12 de dezembro de 2007, a partir das quais o Centro Federal de Educação do Amazonas (CEFET/AM) tornou-se o responsável pela criação de uma Escola Técnica Federal no Acre. A partir de março de 2008, registram-se mobilizações para a realização da primeira audiência pública que visava a concepção da Escola Federal na capital e de duas unidades avançadas, sendo uma em Sena Madureira e outra em Cruzeiro do Sul. Em 29 de dezembro do mesmo ano, publicou-se a Lei nº 11.892, que instituiu a Rede Federal (ALVAREZ, 2013, p. 95-96; IFAC, 2016b; PINHEIRO, 2018, p. 52-59; ALVAREZ; ACÁCIO, 2019, p. 11; SILVA et al., 2019, p. 409).

Entrementes, apenas em meados de 2010, registra-se de fato a implantação do Instituto Federal do Acre (Ifac), a partir dos *Campi* de Rio Branco, Sena Madureira, Cruzeiro do Sul e Xapuri (IFAC, 2011). Atualmente, o Ifac possui 6 *Campi*, com pelo menos um em cada regional acreana, sendo dois na capital Rio Branco, um em Cruzeiro do Sul, um em Tarauacá, um em Sena Madureira e um em Xapuri, conforme Figura 7.

Figura 7 – Mapa atualizado dos *Campi* do Ifac



Fonte: Diretoria Sistêmica de Comunicação do Ifac (2021)

Ainda no ano de 2010, já havia ocorrido a homologação dos concursos públicos para os docentes de diversas áreas e de técnicos administrativos em educação, bem como, instituída a data de aniversário da Instituição como a mesma da primeira posse (IFAC, 2011). A Figura 8 destaca o momento da posse coletiva dos primeiros servidores do Ifac, realizada em 21 de junho de 2010 no Teatro Plácido de Castro – Teatrão.

Figura 8 – Posse coletiva dos servidores do Ifac em Rio Branco no ano de 2010



Fonte: Arquivo pessoal de Wemerson Fittipaldy de Oliveira

A demanda repressada de educação profissional e tecnológica no Acre era muito alta, por isso, diversos concursos públicos se seguiram a partir da criação do Ifac, sendo o último realizado em 2016 e prorrogado até o ano de 2020. Atualmente, segundo o último relatório de gestão disponibilizado pelo Ifac (2020), a instituição possui em seu quadro 745 servidores ativos, 05 cedidos para outros órgãos, 04 de outros órgãos cedidos para o Ifac e 21 professores substitutos.

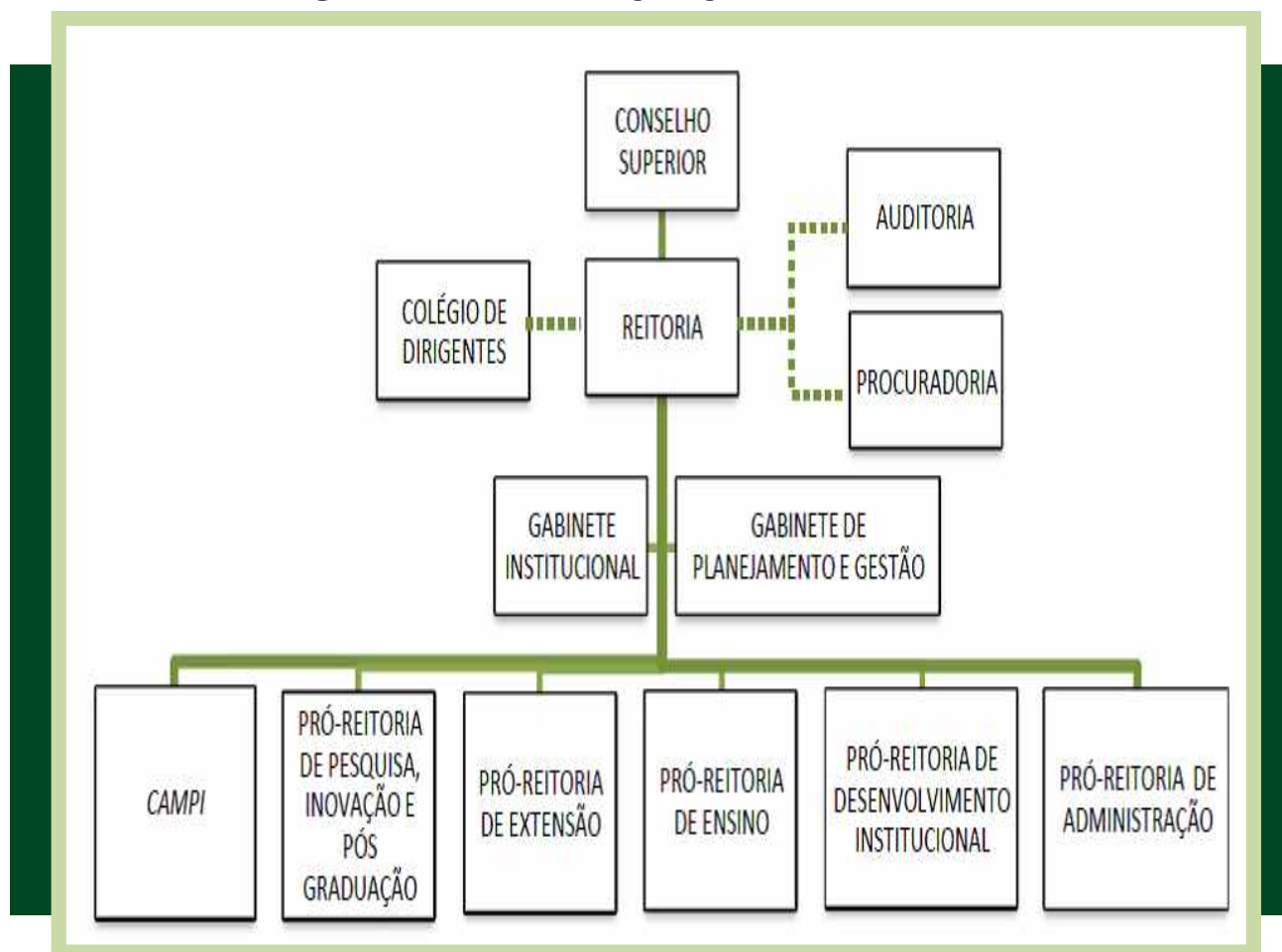
Na tentativa de fortalecer a criação de uma identidade institucional e cultura organizacional para o crescente número de servidores, de início registrou-se apenas a existência de um programa da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação, no ano de 2011, que visava a capacitação de servidores, a partir do novo modelo institucional de educação para a vida e não apenas para o mercado de trabalho. Contudo, no Acre o programa se limitou a uma única atividade, a saber, a realização do I Seminário da Escola de Formação da Educação Profissional, Científica e Tecnológica (IFAC, 2013b; SILVA, 2013).

Observou-se que a rotatividade dos servidores nos primeiros anos da instituição demandou investimentos voltados a valorização e formação de uma identidade institucional, assim como um investimento com a elevação de titulação dos docentes permanentes. Era, portanto, uma necessidade organizar todos os trâmites legais para potencializar a existência do IF no Acre, a começar pelo estabelecimento de uma burocracia que regulamentasse os constantes pedidos de redistribuição (IFAC, 2011; 2012; 2013a; 2014a; 2015).

A análise de documentos e relatórios institucionais dos cinco primeiros anos de funcionamento identificava diversos problemas relacionados a infraestrutura e gestão, especialmente ao considerar que os poucos servidores recém contratados não conheciam a Rede Federal de EPT, não recebiam nenhum tipo de formação específica para atuar, além de

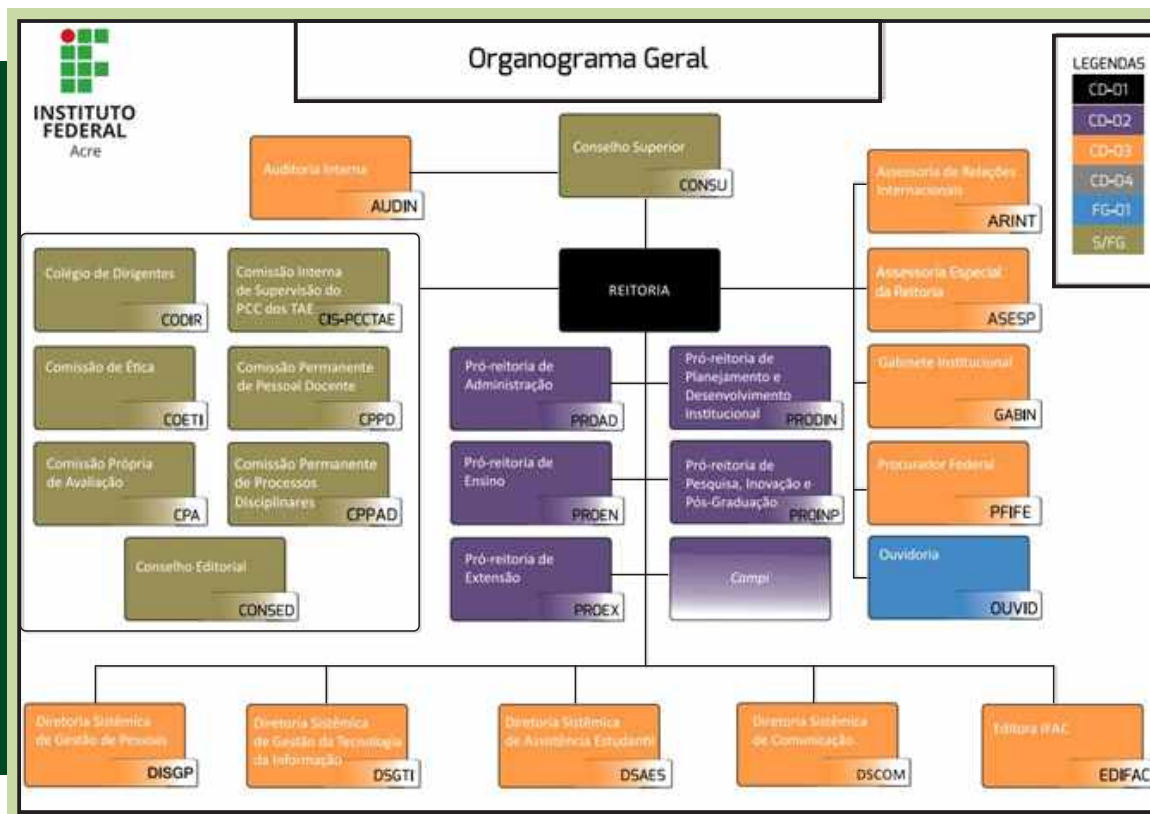
serem alocados em sedes ainda provisórias, sem infraestrutura necessária para a condução das atividades. Tais problemas para além de investimentos em infraestrutura demandaram que a estrutura organizacional começasse a ser planejada e executada, a começar por: a) implementação do Estatuto, através da Resolução nº 03, de 01 de janeiro de 2009, alterada em 11 de novembro de 2013; b) ampliação da atuação para todas as regionais do Acre, incluindo a criação do *Campus EaD*, no ano de 2013; c) elaboração de Projeto Pedagógico Institucional (PPI); d) oferta de capacitações para os docentes; e) implementação do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2014-2018; f) aprovação do Regimento Interno, através da Resolução nº 95, de 25 de novembro de 2016; g) alteração do Organograma Geral do Ifac, através da Resolução nº 32, de 12 de junho de 2018 (IFAC, 2014a; 2014b; 2014c; 2014d; 2015; 2017, 2018a). O primeiro organograma geral do Ifac pode ser visto na Figura 9, vale destacar que o organograma atual foi aprovado pela Resolução nº 19, de 17 de maio de 2019, conforme Figura 10.

Figura 9 – Primeiro Organograma Geral do Ifac



Fonte: IFAC (2011)

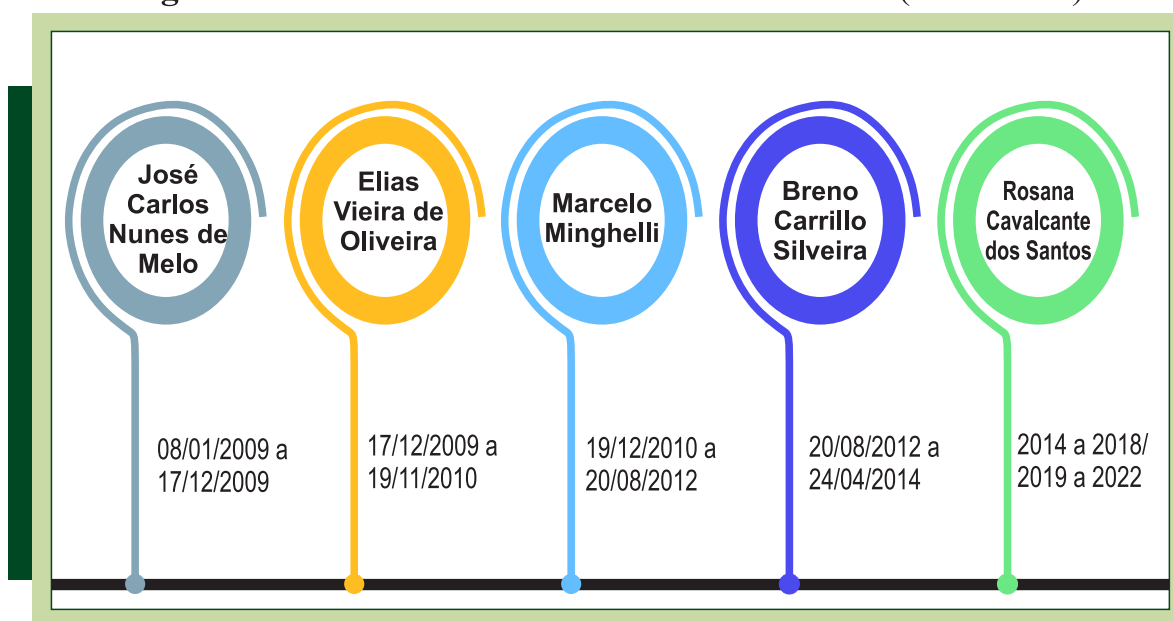
Figura 10 – Atual Organograma Geral do Ifac



Fonte: IFAC (2021a)

Do ano de 2010 até abril de 2014 quando foi nomeada a primeira Reitora eleita do Ifac, o processo de gerenciamento do Instituto foi marcado por descontinuidades e interrupções na execução de planejamentos estratégicos e operacionais realizados, pois as sucessivas trocas de gestão, especialmente no caso de Reitores *Pró tempore* acarretaram mudanças em toda a gestão, não só na Reitoria mais em todos os *Campi*. Na Figura 11 foi elaborada uma linha tempo com os Reitores *Pró tempore* (até o ano de 2014) e posteriormente com a Reitora eleita e reeleita através do processo democrático (IFAC, 2015; PINHEIRO, 2018, p. 52-59).

Figura 11 – Reitores do Instituto Federal do Acre (2009-2020)

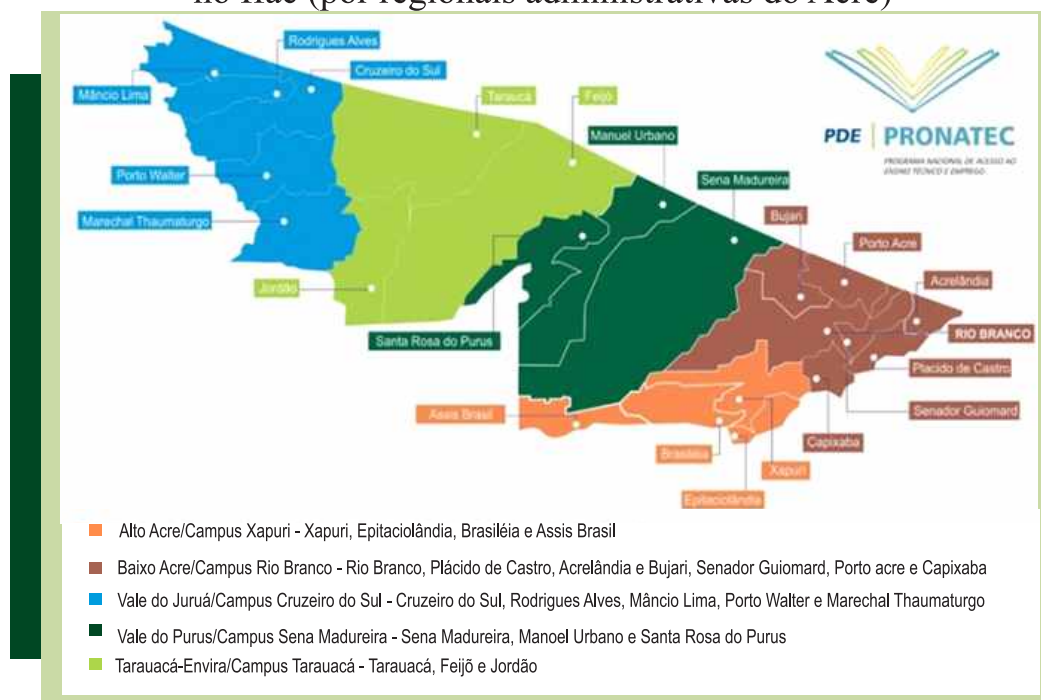


Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

Entre os diversos programas especiais executados pelo Ifac destacou-se o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), que tinha como objetivo democratizar a oferta de cursos em EPT para a população brasileira, com criação em todo território brasileiro, sancionado pela Lei nº 12.513, de 26 de outubro de 2011. O Ifac iniciou a oferta dos cursos no ano de 2012, com mais de mil vagas. Nos anos seguintes, já atendia aos 22 municípios acreanos nas seguintes modalidades: Geral; Campo; Bolsa Verde; Indígena; Agro; Serviços Públicos; Mulheres Mil; Sistema Socioeducativo; Sistema Prisional e Aprendiz. Os eixos trabalhados nos cursos do Pronatec foram: Ambiente e Saúde, Comunicação, Desenvolvimento Educacional e Social, Gestão e Negócios, Informação e Comunicação, Infraestrutura, Produção Alimentícia, Produção Cultural e Design, Produção Industrial, Recursos Naturais, Segurança e Turismo, Hospitalidade e Lazer (IFAC, 2013a; 2014a; 2015; 2016; 2017).

Para alcançar o maior número de alunos, o órgão realizou parcerias com os núcleos das secretarias estaduais nos municípios, prefeituras e associações, conforme demonstra a Figura 12.

Figura 12 - Quadro demonstrativo da execução do Pronatec no Ifac (por regionais administrativas do Acre)



Fonte: IFAC (2014e)

Entre as modalidades do Pronatec, destacou-se no Acre o projeto Mulheres Mil, que foi criado como política pública de empoderamento feminino no combate à violência contra a mulher e promoção da equidade no mercado de trabalho e, posteriormente, absorvido pelo Pronatec. O Ifac iniciou a oferta de cursos específicos para este público no ano de 2012, com uma média de 100 vagas por campi até o ano de 2016. Como resultado, observou-se a certificação de quase mil mulheres nesse período. Os cursos oferecidos pelo Instituto foram:

Cabelereira Assistente, Manicure e Pedicure, Jardinagem e Ornamentação, Preparadora de Pescado, Horticultura Orgânica, Higienista de Serviços de Saúde e Recepcionista em Serviços de Saúde (IFAC, 2013a; 2014a, 2015; 2016; 2017).

Pela grandeza do programa, justifica-se uma pesquisa apenas sobre esse tema. Contudo, vale destacar que dados sistematizados não nos foram repassados e não estão publicizados, o que exige um trabalho de investigação e registro mais apurado. Considere-se, contudo que os registros das atividades realizadas em cada *campus* estavam de posse da Pro-Reitoria de Extensão (Proex) e não em cada *campus*, considerando que embora os *campi* tivessem atividades do Pronatec sendo executadas não possuíam autonomia para pactuações, planejamento, execução e avaliação das atividades. A Proex informou que as atividades do Pronatec finalizaram no final de 2017, pois em 2018 não houve nova pactuação.

Sobre a documentação do Ifac, é perceptível que a cada novo gestor aconteciam alterações na estrutura dos documentos e sempre um novo planejamento de metas (inclusive as de longo prazo) era reiniciado desconsiderando muitas vezes os processos anteriores, modelos de formulários e documentos. Embora tudo isso possa ser justificável do ponto de vista da gestão é necessário reconhecer que dificulta a sistematização e análise de dados significativos, como por exemplo, a construção de uma série histórica bem elaborada.

A pesquisa em site institucional também foi complexa, se considerarmos a existência de três bases de dados, a saber o primeiro site (<http://www.ifac.edu.br/index.php>) e o Portal Ifac, esse último disponível a partir de 2016 até novembro de 2020 quando o mesmo sofreu um ataque virtual deixando todas as suas informações indisponíveis (<http://www.ifac.edu.br>) ao grande público. Uma terceira base de dados foi lançada no dia 18 de dezembro de 2020 (<http://www.ifac.edu.br>), mas sem disponibilizar os dados contidos nos domínios anteriores imprescindíveis à pesquisa na instituição (IFAC, 2020a). A documentação está sendo posta de forma gradual nesta nova base de dados.

Toda essa apresentação foi necessária para se chegar ao objeto de pesquisa: *Campus* Rio Branco e visualizar como o mesmo realizou suas ações durante o seu primeiro decênio de existência.

Campus Rio Branco

Elane Cristine Almeida da Silva, Josina Maria Pontes Ribeiro e Ricardo dos Santos Pereira

O Campus Rio Branco funcionou em três sedes administrativas. Primeiramente, em duas salas cedidas pela Universidade Federal do Acre (Ufac) junto a Reitoria do Ifac no ano de 2009, posteriormente em uma sede provisória alugada enquanto a obra não havia sido finalizada e, por fim, na sede própria definitiva a partir do ano de 2012, no bairro Xavier Maia.

Figura 13 – Sedes administrativas do *Campus Rio Branco*



Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

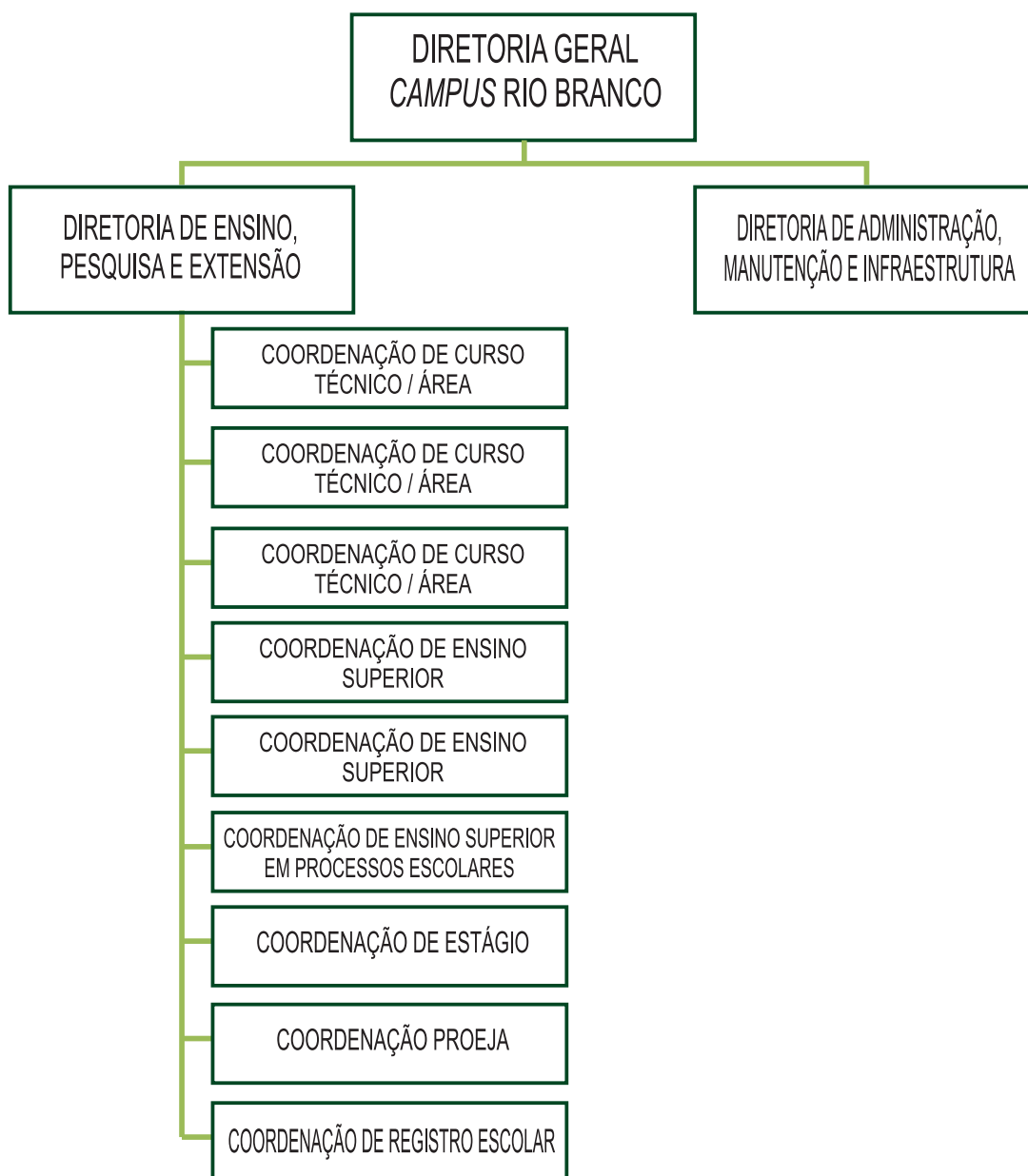
O *Campus* Rio Branco é administrado por um Diretor Geral, solidário administrativamente ao Reitor, e é conduzido pelo Regimento Geral do Ifac e pelo seu Regimento Interno. “Todos os *campi* possuem uma mesma estrutura organizacional, que apenas diferencia-se pelos cursos ofertados, que obviamente demandam a existência de coordenações específicas” (IFAC, 2012, p. 28).

A estrutura organizacional atual do *Campus* Rio Branco está ordenada através do seu organograma, composto por uma Diretoria Geral (Dirge), que realiza suas atividades em consonância com um Conselho Gestor, e duas Diretorias, que subdividem as ações de Ensino e Administração e uma Coordenação de Comunicação e Eventos (Cocoe) (IFAC, 2021b)

A Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão (Diren) atua administrativamente com as seguintes coordenações: Coordenação de Pesquisa e Inovação (Copip); Coordenação de Extensão (Coext); Coordenação de Registro Escolar (Coreg); Coordenação do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (Napne); Coordenação de Biblioteca (Cobib); Coordenação do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi);

Coordenação do Núcleo do Centro de Estudos de Idiomas (Concei); Coordenação Técnico Pedagógica (Cotep); Coordenações de Cursos Técnicos Subsequentes; Coordenações de Cursos Técnicos Integrados; Coordenações de Cursos Superiores e Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Além das Coordenações, registre-se a existência, desde 2018, de um Departamento de Cursos Técnicos Integrados (Decti). A Diretoria de Administração, Manutenção e Infraestrutura (Dirai), por sua vez, é a responsável pela parte da gestão administrativa e predial do *Campus*, e possui em sua composição a Coordenação de Tecnologia da Informação e Comunicação (Corti) e a Coordenação de Gestão de Pessoas (Cogep). Observa-se a evolução do organograma geral do *Campus* Rio Branco quando visto o primeiro no ano de 2011 na Figura 14 e o atual na Figura 15.

Figura 14 – Primeiro Organograma do *Campus* Rio Branco



Fonte: IFAC (2011)

Parte da situação foi resolvida através de parceria com o governo estadual do Acre, que cedeu imóveis para abrigar as novas turmas. O contato foi estabelecido mediante o quadro de indicadores da época, que demonstrava um alto índice de demanda reprimida na área de formação técnica e profissionalizante (IFAC, 2012).

Figura 16 – Alunos no ensino médio integrado em material de divulgação do processo seletivo de 2018



Fonte: Diretoria Sistêmica de Comunicação (DSCOM)

Após entrega da obra do *Campus Rio Branco*, observou-se a necessidade de se construir o Ginásio Poliesportivo, sendo a obra concluída em 2017. Para homenagear uma de suas primeiras servidoras nomeadas e já falecida, o Ifac deliberou condecorar a professora de sociologia, Juliana de Souza Dantas, conferindo o seu nome ao espaço construído (IFAC, 2018a).

Foi inaugurado, na manhã desta quinta-feira (30), o primeiro Ginásio Poliesportivo do Instituto Federal do Acre (Ifac). O espaço leva o nome da professora Juliana de Souza Dantas, docente de Sociologia que iniciou o trabalho na instituição em 2010. A profissional faleceu no ano de 2014, enquanto cursava doutorado interinstitucional, junto à Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro. A cerimônia contou com a presença de gestores, alunos, servidores e membros da família da servidora homenageada (IFAC, 2017b, p. 1).

Figura 17 – Gincana escolar realizada no Ginásio Poliesportivo no ano de 2018



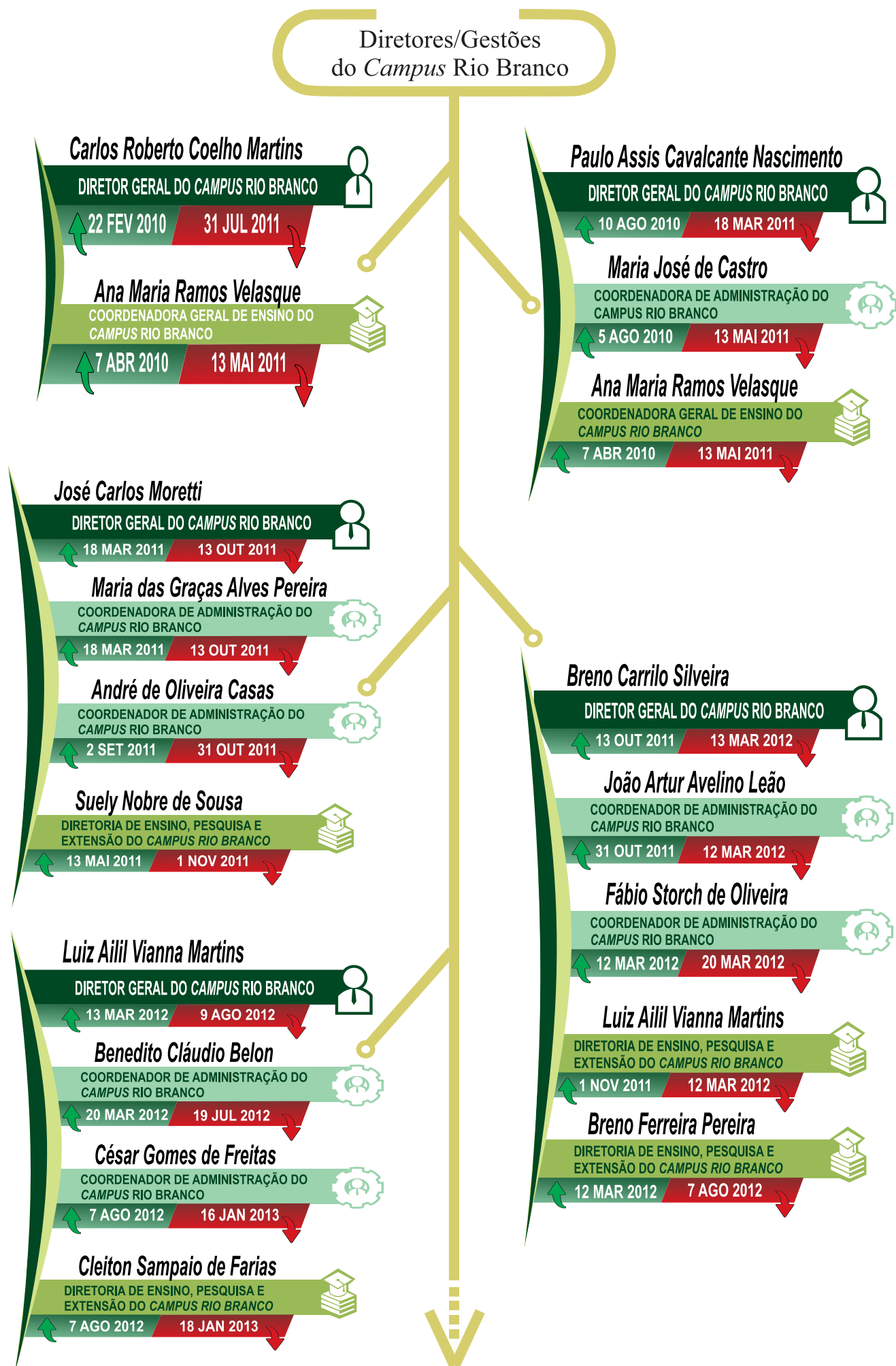
Fonte: Arquivo pessoal de Wemerson Fittipaldy de Oliveira

Atualmente, segundo os dados da Diretoria de Administração, Manutenção e Infraestrutura (Dirai), a infraestrutura do *Campus* Rio Branco é composta por 01 auditório, 01 biblioteca, 19 banheiros, 07 instalações administrativas, 01 almoxarifado geral, 02 almoxarifados específicos (física e biologia), 04 centros de idiomas, 23 salas de aula, 03 salas de aula para cursos Ead, 01 coordenação de polo Ead, 02 salas de coordenação de cursos, 01 sala do registro escolar, 09 salas de apoio e 08 salas individuais (reunião, copa, monitoramento, Centro Vocacional Tecnológico, Fiocruz, Pronatec e Sinasefe) (IFAC, 2018b).

Observou-se também que o cenário de troca de gestores do Ifac no âmbito da reitoria foi reproduzido no âmbito do *Campus* Rio Branco, o que dificultou a continuidade das ações planejadas, prejudicou o registro documental da instituição e a formação de uma identidade e cultura organizacional. Ressaltou-se o registro dos seguintes Diretores Gerais: Carlos Roberto Coelho Martins (22/02/2010 a 31/07/2010), Paulo Assis Cavalcante Nascimento (10/08/2010 a 18/03/2011), José Carlos Moretti (18/03/2011 a 13/10/2011), Breno Carrillo Silveira (13/10/2011 a 13/03/2012), Luiz Ailil Vianna Martins (13/03/2012 a 09/08/2012), Déborah Virgynia Cardoso de Freitas (09/08/2012 a 16/01/2013), Abib Alexandre de Araújo (16/01/2013 a 09/10/2013), Márcio Bomfim Santiago (09/10/2013 a 06/09/2014), Paulo Roberto de Souza (07/11/2014 a 31/03/2016), Wemerson Fittipaldy de Oliveira (04/04/2016 a 06/05/2020) e Paulo Roberto de Souza (06/05/2020 até os dias atuais).

Para facilitar a visualização de todos os servidores que, em algum momento da sua vida funcional assumiram um dos cargos de Diretor Geral, Diretor de Ensino ou Diretor Administrativo, organizou-se uma linha do tempo com as datas que estiveram na função levando em consideração o período de permanência de cada Diretor Geral, conforme pode ser observado na Figura 18.

Figura 18 - Linha do tempo dos Diretores/Gestões do Campus Rio Branco





Os dados que ajudaram a compor a Figura 18 foram encontrados através de consulta aos Relatórios de Gestão, Boletins de Serviço Internos do Ifac e no Diário Oficial da União (DOU), sendo já uma primeira contribuição da pesquisa ao *Campus*, que não possuía de forma organizada um registro físico ou virtual de tais informações.

Considerando os resultados de editais de chamamentos específicos para o *Campus* Rio Branco, referentes ao primeiro concurso para técnico administrativo em educação (TAE) e ao primeiro concurso para docentes, observou-se a existência de 84 vagas para docentes de áreas variadas e 88 vagas para TAEs (sendo 38 para nível superior e 50 para nível médio). Uma análise mais detalhada em relação a estes editais constatou que, dos 210 servidores lotados no *Campus* em 2019, não existia mais nenhum técnico remanescente em exercício, ao passo que existiam apenas 17 docentes que permaneciam em efetivo exercício no *Campus* desde então.

A semelhança do que houve na estrutura da gestão do Ifac, não se observou nenhuma política de formação referente a identidade institucional para os servidores que ingressaram no *Campus* que pudesse contribuir para o estabelecimento de identidade profissional ou de uma cultura organizacional.

Considerando a administração do ensino, o *Campus* está organizado a partir de eixos/áreas que se estruturaram em diferentes níveis e modalidades e a partir dos quais se planejou o processo de verticalização dos cursos na unidade. São eles: Desenvolvimento Educacional e Social, Gestão e Negócios, Informação e Comunicação, Infraestrutura e Segurança.

A Coordenação do Registro Escolar do *Campus* Rio Branco (Coreg) realizou a consolidação dos dados dos cursos ofertados no *Campus* Rio Branco desde o início da oferta das aulas, do segundo semestre de 2010 até 2019. Entre os elementos consta-se tabulado as informações sobre os cursos oferecidos, total de alunos matriculados e as taxas de evasão. Considerando as diversas modalidades temos os seguintes cursos ofertados, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Resumo dos cursos ofertados pelo Ifac/*Campus* Rio Branco, conforme nível e modalidade de ensino (2010.2 a 2019.2)

Nível	Modalidade	Cursos Ofertados	Nº de turmas	Nº alunos ingressantes
Pós-Graduação	<i>Stricto sensu</i>	Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT (Início: 2018.2)	2	42
	<i>Lato sensu</i>	Especialização em Logística Empresarial (Início: 2019.1)	2	59
		Especialização em Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Início: 2018.2 a 2019.1)	2	61
		Especialização em Gestão da Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Início: 2012.2 a 2014.1)	2	49

Quadro 1 – Resumo dos cursos ofertados pelo Ifac/*Campus* Rio Branco, conforme nível e modalidade de ensino (2010.2 a 2019.2) - (Continuação)

Nível	Modalidade	Cursos Ofertados	Nº de turmas	Nº alunos ingressantes
Graduação	Licenciatura	Licenciatura em Ciências Biológicas (Início: 2011.1)	17	715
		Licenciatura em Matemática (Início: 2017.1)	5	199
	Tecnológico	Tecnologia em Logística (Início: 2011.1)	13	504
		Tecnologia em Processos Escolares (Início: 2012.1)	11	454
		Tecnologia em Sistemas Para Internet (Início: 2014.1)	7	283
	Bacharelado	Bacharelado em Administração (Início: 2018.1)	3	122
Técnico	Integrado	Ensino Médio Integrado ao Técnico em Informática (2011.1 a 2016.1)	9	321
		Ensino Médio Integrado ao Técnico em Redes de Computadores (2017.1)	6	235
		Ensino Médio Integrado ao Técnico em Informática para Internet (2017.1)	7	260
		Ensino Médio Integrado ao Técnico em Edificações (2017.1)	7	255
	Subsequente Presencial	Técnico em Cooperativismo (Início: 2010.2 e 2017.1)	2	84
		Técnico em Segurança do Trabalho (Início: 2010.2)	16	641
		Técnico em Informática (Início: 2011.1 a 2015.1)	8	312
		Técnico em Administração (Início: 2012.1)	20	764
		Técnico em Recursos Humanos (Início: 2013.1)	12	471
		Técnico em Tradução e Interpretação de Libras (Início: 2017.1)	4	157
		Técnico em Serviços Jurídicos (Início: 2017.2)	4	158
		Técnico Subsequente em Administração - Rio Branco (Início: 2012.2 e 2015.1)	3	128

Quadro 1 – Resumo dos cursos ofertados pelo Ifac/*Campus* Rio Branco, conforme nível e modalidade de ensino (2010.2 a 2019.2) - (Continuação)

Nível	Modalidade	Cursos Ofertados	Nº de turmas	Nº alunos ingressantes
Técnico	Subsequente EAD	Técnico Subsequente em Administração - Rio Branco (Início: 2012.2 e 2015.1)	3	128
		Técnico Subsequente em Serviços Públicos - Rio Branco (Início: 2012.1)	1	39
		Técnico Subsequente em Multimeios Didáticos - Rio Branco (Início: 2013.2)	2	75
		Técnico Subsequente em Vendas - Rio Branco (Início: 2014.2 a 2018.2)	4	96
		Técnico Subsequente em Finanças - Rio Branco (Início: 2014.2 a 2015.2)	2	84
		Técnico Subsequente em Informática Para Internet - Rio Branco (Início: 2014.2 a 2015.1)	2	68
		Técnico Subsequente em Secretaria Escolar - Rio Branco (Início: 2015.2 e 2017.2)	2	76
		Técnico Subsequente em Administração – Acrelândia (Início: 2015.1)	1	37
		Técnico Subsequente em Administração - Porto Acre (Início: 2015.1)	1	39
		Técnico Subsequente em Vendas – Bujari (Início: 2015.2)	1	33
		Técnico Subsequente em Vendas - Porto Acre (Início: 2015.2)	1	40
		Técnico Subsequente em Vendas - Senador Guiomard (Início: 2015.2)	1	32
		Técnico Subsequente em Finanças - Plácido de Castro (Início: 2015.2)	1	35
		Técnico Subsequente em Finanças - Porto Acre (Início: 2014.2 e 2015.2)	2	66
		Técnico Subsequente em Finanças - Senador Guiomard (Início: 2015.2)	1	27
		Técnico Subsequente em Informática para Internet – Acrelândia (Início: 2014.2)	1	25

Quadro 1 – Resumo dos cursos ofertados pelo Ifac/*Campus* Rio Branco, conforme nível e modalidade de ensino (2010.2 a 2019.2) - (Continuação)

Nível	Modalidade	Cursos Ofertados	Nº de turmas	Nº alunos ingressantes
Técnico	Subsequente EAD	Técnico Subsequente em Informática Para Internet - Plácido De Castro (Início: 2014.2)	1	36
		Técnico Subsequente em Informática Para Internet - Porto Acre (Início: 2014.2)	1	24
		Técnico Subsequente em Informática Para Internet - Senador Guiomard (Início: 2015.1)	1	30
		Técnico Subsequente em Secretaria Escolar – Acrelândia (Início: 2015.2)	1	17
		Técnico Subsequente em Secretaria Escolar - Plácido De Castro (Início: 2015.2)	1	28
		Técnico Subsequente em Secretaria Escolar - Senador Guiomard (Início: 2015.2)	1	30
	Programa de Profissionalização de Jovens e Adultos - Proeja	Técnico em Manutenção e Suporte de Informática (Início: 2010.2 a 2013.2)	4	128
		Técnico em Administração (Início: 2012.1 a 2014.2)	4	120
Formação Inicial e Continuada - FIC	FIC	Auxiliar Administrativo – Concomitante (Início: 2012.1)	1	59
		Processamento de Pescado (Início: 2013.2)	1	43
		Jardinagem e Paisagismo (Início: 2013.2)	1	43
		Espanhol A1 (Início: 2018.2)	1	25
		Inglês A1 (Início: 2018.2)	1	23
		Língua Espanhola - Nível Básico (Início: 2019.2)	1	7
		Língua Inglesa - Nível Iniciante (Início: 2019.2)	1	32
		Língua Inglesa - Nível Intermediário (Início: 2019.2)	1	12
		Libras - Nível Básico (Início: 2019.2)	1	30
		Conselheiros dos Direitos e Conselheiros Tutelares na Amazônia Legal (Início: 2019.2)	1	94

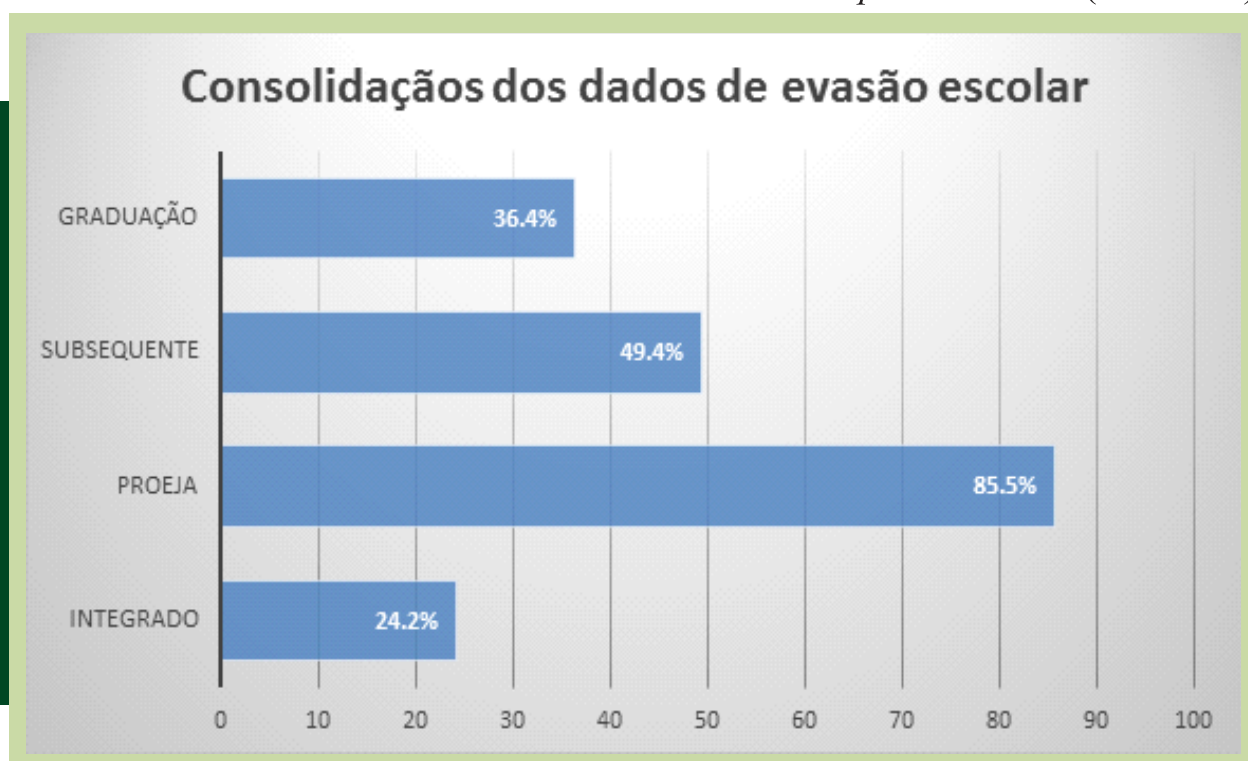
Fonte: COREG (2021).

Em síntese, de 2010 a 2019, o Campus Rio Branco atingiu uma somatória de oferta de 44 cursos, atendendo 7.818 alunos ingressantes que foram distribuídos em 209 turmas. Esses números referem-se a diferentes níveis e modalidades de ensino, tanto de forma presencial como a distância. Especificamente nos anos de 2020 a 2021, o Campus passou a adotar o Ensino Remoto Emergencial - ERE, mediado por tecnologias, em virtude da Pandemia Covid-19.

Quanto a evasão escolar, Figueiredo e Salles (2017) explanam que ainda são poucos os referenciais teóricos que tratam sobre a temática na EPT, com a necessidade de indicadores que colaborem na pesquisa qualitativa sobre o fenômeno, pois dependendo do olhar os resultados podem sofrer alterações. As autoras falam da importância de se fazer duas observações: a primeira é que o índice de evasão acarreta consequências tanto para o aluno, quanto para a sociedade, necessitando um esforço coletivo para contê-la e a segunda é justamente na complexidade em se ter indicadores sobre as principais causas que podem estar relacionados ao convívio escolar, ao núcleo familiar, dificuldade de conciliação com o trabalho, entre outros.

O índice de evasão nos cursos do Campus Rio Branco, considerando os mais diferentes níveis e modalidades de ensino são apresentados a partir de quatro modalidades repassadas pela Coreg com referência aos anos de 2010 a 2019 que foram consolidados no gráfico 01 para melhor visualização.

Gráfico 1 – Percentual da evasão escolar dos cursos no *Campus* Rio Branco (2010-2019)



Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

À semelhança dos achados da Reitoria, um levantamento inicial de dados no Campus evidenciou que a história da unidade possui níveis de organização diversos, causando assim, dificuldades em relacionar os dados. Dados da Pesquisa e Extensão não são agrupados de forma que se permita sistematização e análise adequada dos 10 anos.

Para que se tenha clareza, apenas a partir de 2016 foi possível encontrar algum tipo de relatório de gestão no Campus. Não existe sequer registro impresso ou digital sobre nomeação de diretores gerais e diretores de ensino, sequer o arquivo destas em pasta.

É necessário criar salvaguardas para que o Ifac/Campus Rio Branco não perca, no decorrer do tempo, informações que podem se tornar primordiais no passar dos anos, principalmente as de cunho mais burocrático e administrativo que se complementam as histórias de vida, por exemplo.

Sobre esse assunto, Pacheco, um dos idealizadores da Rede Federal de EPT, assim descreve a construção do modelo estabelecido hoje na instituição, tratando a escola como um lugar de memória e de construção de identidades locais e em rede.

A meta é o desenvolvimento consensual de um projeto de resgate da escola como um lugar de memória, das lembranças de seus personagens e momentos mais expressivos. Documentos dispersos, preservados na história particular de muitos, fotografias, livros, papéis e objetos guardados com zelo e nostalgia podem alimentar a perspectiva de uma escola e de uma formação integradas e mais completas para os mais jovens, com reconhecimento e orgulho de si mesmos como mestres (PACHECO, 2012, p. 97).

Assim, uma das finalidades deste trabalho foi apresentar as atividades realizadas, tornar o discente conhecedor da história do Instituto, focando no Campus Rio Branco e fazendo com que a comunidade acadêmica em geral tenha o sentimento de pertencimento ao tempo vivido e o espaço. A memória é elemento primordial na construção da identidade do Instituto e, para tanto, é preciso partilhar seu legado e histórias.

Assim, as histórias de vida a seguir refletem as memórias dos docentes que durante o último decênio estiveram presentes e atuantes na construção coletiva de uma Educação Profissional e Tecnológica no Campus Rio Branco.

História de Vida e Trabalho



Docente Cledir de Araújo Amaral



“Ao fechamento exato do ciclo dos 10 anos do Ifac tenho a certeza de que adentrei a uma instituição para construí-la do nada, mesmo sendo parte de uma rede centenária, e ao construí-la eu também estaria me construindo como educador e como pessoa. Tenho muito orgulho de ser Ifac e tenho muita gratidão do que o Ifac tem feito a mim, por isso, estarei sempre à disposição para fazer o meu melhor”.



Docente Darueck Acácio Campos

“Eu já ministrava aulas desde 2001 para crianças de 5ª série na escola estadual Humberto Soares, depois tive mais 4 anos de docência na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas Rio Branco – FIRB e Faculdade da Amazônia Ocidental - FAAO, mas a aprovação no concurso do Ifac bateu o martelo sobre qual seria minha principal profissão e vocação para o resto dos meus dias: Professor”.



Docente Ana Carla de Arruda de Holanda



“Sem dúvida, foi a melhor escolha que fiz quando resolvi ingressar no Ifac. Tive oportunidades profissionais que jamais imaginei que teria. Tive e tenho a oportunidade de me qualificar para me tornar uma profissional melhor”. “Posso dizer que tenho muito orgulho em fazer parte desta instituição! E fico feliz em, de alguma forma, ter contribuído na construção dos pilares do IFAC”.



Docente Maria Clodomira Sales Viga

“Tem sido uma trajetória de realizações e também de frustrações por vários motivos, motivos esses que existem em todo ambiente de trabalho. Porém sou uma profissional realizada e enxergo na docência não somente a minha identidade profissional, mas a minha identidade como ser humano, que se realiza através da realização das outras pessoas, que fica feliz ao saber que um aluno conseguiu seus objetivos de vida, ao ver que muitos mudaram de vida e mudaram para melhor”.



História de Vida e Trabalho



Docente Dirlei Terezinha Fachinello



Mas tudo isso que relatei (um pequeno resumo dos 10 anos) serviram para aprimoramento como professora. Minha função é ser professora. Minha vocação é ser professora. Minha alegria é ser professora. Tudo o que fiz e faço no Ifac e no Campus é pensando em como isso vai impactar a vida dos nossos alunos, razão da nossa existência institucional”.



Docente Maria Ivanilda Souza da Silva

“Quem vê o Ifac dez anos depois não consegue imaginar quantos sonhos foram sonhados, quantas batalhas foram travadas, quantas lágrimas foram derramadas nesse processo, um simples relato como esse não seria capaz de desvelar tudo o que foi realmente vivido nesse período”.



Docente Ana Carla Maria Casarotti Franco



“Frustrações à parte, pois todos as têm, ter atuado em diferentes modalidades e níveis de ensino me permitiu aprender a transitar com mais destreza por esses caminhos do ensino técnico e tecnológico e isso é uma experiência gratificante e enriquecedora. Conviver com pessoas de diferentes áreas, ter a possibilidade de observar suas práticas e experienciar momentos de troca resulta motivador para minha atuação docente”.



Docente Paula de Lacerda Santos Ribeiro

“E o que ganhamos com isso? Os melhores alunos, os mais bem colocados em concursos públicos!!! A adversidade não foi o problema, pelo contrário, achamos um caminho, construímos um trilho para as próximas turmas que estavam por vir”.



Cledir de Araújo Amaral

Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Acre (2004), especialista em Gestão e Administração do Esporte e Lazer pelo Instituto de Ensino Superior do Acre (2005), mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Acre (2014) e doutor em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (2018).

Sou Cledir de Araújo Amaral, docente EBBT da área de Educação Física, ingressei no Ifac por meio do primeiro concurso público da instituição em 2010 (edital 01/IFAC/2010, resultado final homologado no DOU em 06/05/2010). Faço parte de um seleto grupo de 12 docentes que ingressou para exercício efetivo semanas antes dos demais para cumprir funções diversas necessárias ao funcionamento da instituição, uma vez que não havia até aquele momento qualquer servidor do quadro efetivo. Lembro que cada área dos primeiros convocados tinha um importante papel específico a desempenhar de modo a garantir inclusive o provimento dos demais servidores que aconteceria no dia 21 de junho do mês subsequente.

Logo após a homologação do resultado final do concurso recebi ligação em nome do reitor do Ifac perguntando do meu interesse em assumir a vaga do concurso e, que caso afirmativo, o reitor gostaria de reunir comigo. Obviamente aceitei o convite e me desloquei ao Ifac, que funcionava em duas salas cedidas ao lado da Biblioteca da UFAC, para a empolgante reunião com o dirigente máximo daquela que seria minha instituição de trabalho, na qual depositava grande expectativa de realização profissional, embora não tivesse clareza do que era a EPT.

Como desconhecia as pessoas que ali trabalhavam me apresentei informando que tinha uma reunião com o reitor e que estava ali a seu pedido. Logo ele apareceu cheio de empolgação, falando da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, que naquele ano comemorava seu centenário e que eu seria o primeiro professor de educação física da rede no Acre. E que eu faria parte de um momento histórico representando o Ifac com equipes de alunos-atletas nos Jogos Brasileiros dos Institutos Federais – JIF, uma competição tradicional da Rede Federal que naquele ano teria a participação de todos os IFs para coroar a celebração dos 100 anos da Rede Federal. Meus olhos brilharam com aquela oportunidade e fiquei muito mais empolgado. Daí ele me falou que havia inscrito o Ifac em três modalidades voleibol, futebol e atletismo. Minha empolgação logo se transformou em preocupação, logo que me foi informado a data do evento: de 23 a 29 de maio em Brasília-DF.

Diante das muitas perguntas que fiz, lembro quando perguntei sobre os alunos-atletas e ele me respondeu que não tínhamos com um enfático “ainda”, pois o processo seletivo dos primeiros cursos do Ifac para 2010.2 aconteceria na semana seguinte e que precisava muito do meu apoio na realização do processo.

O fato é que em uma semana tínhamos realizado o processo seletivo para ingresso dos primeiros estudantes do Ifac e, na fila de matrícula, eu identificava aqueles que tiveram alguma experiência com futebol de campo e/ou voleibol ou atletismo. Assim foi a primeira seletiva para formar as equipes que representariam o Ifac na competição nacional, a qual tinha como propósito mostrar que de fato o Acre existe e na Rede Federal. Minha ida para Brasília se deu como colaborador eventual e não como servidor efetivo, pois ainda não havia tomado posse, mas vesti ali a camisa da minha instituição, colaborando no que fosse possível.

Logo após o evento tomei posse e passei a desempenhar atividades administrativas, especialmente voltadas para a posse dos demais colegas docentes e TAE que aconteceria em junho. Ao final do mês de junho o Ifac já tinha servidores, docentes e técnicos, e alunos matriculados, alguns até com participação em evento nacional da Rede e eu fazia parte de tudo isso.

Logo nos mudamos para a sede provisória do *Campus* Rio Branco, na antiga Casa do Índio, hoje pronto atendimento da Unimed. O clima era de alegria, por de fato estarmos vivenciando a construção de uma instituição, embora algumas tensões dentro da gestão ficaram perceptíveis.

Ao assumir o Ifac deixei dois contratos efetivos de professor que tinha na educação, também abdiqueei do cargo de TAE recém nomeado na UFAC. Desisti do curso de graduação em Saúde Coletiva que iniciou no segundo semestre de 2010, por acreditar muito no meu crescimento profissional no Ifac.

Ao chegar dos JIF desafiei o reitor a realizarmos os Jogos do Ifac (Jifac), a exemplo dos jogos nacionais e propus o primeiro projeto de extensão do *Campus* Rio Branco, denominado “Iniciação à Arte da Capoeira no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica do Acre”, o qual contou, desde então, com a participação de estudantes, servidores e comunidade externa, trazendo muita gente para conhecer o Ifac, com alguns deles se tornando servidor ou alunos.

Em 2010 tudo foi muito intenso: liderei a realização dos Jifac em todos os *campi* (Xapuri, Sena Madureira, Cruzeiro do Sul e Rio Branco) e coordenei o projeto de extensão da capoeira; fui o primeiro coordenador de extensão do *Campus* Rio Branco e pude acompanhar alguns cursos de extensão; no ensino, ministrei a disciplina de metodologia da pesquisa no curso técnico subsequente em segurança do trabalho e participei da discussão e elaboração o PPC do Curso Técnico em Administração no Proeja e alguma participação no PPC da graduação em Processos Escolares; na pesquisa coordenei a coleta de dados de um inquérito com idosos em Senador Guimard; participei da banca da prova didática no concurso para docente da área de educação física para o *Campus* Cruzeiro do Sul; e, em novembro, participei como chefe da delegação do Ifac, em Belém-PA, nos Jogos dos Institutos Federais do Norte – JIFEN, hoje denominado JIF – etapa Norte.

Assim que finalizaram os Jifac solicitei a minha dispensa da coordenação de extensão. E no retorno da viagem para os Jifen descobri que o reitor seria substituído e que muitas mudanças aconteceriam. Houve nítida movimentação por cargos e deliberada perseguição a alguns que estavam em cargos e funções na gestão anterior,

período que denominei “corrida armamentista do Ifac”. Este clima pesado só se intensificou com as constantes mudanças na gestão no *Campus* e Pró-reitorias. Mesmo assim, eu tinha a convicção de que o Ifac seria um lugar privilegiado para se “fazer” educação de qualidade e onde eu me realizaria profissionalmente.

Mesmo com as turbulências da gestão, cada vez mais compreendia essa instituição e me via como alguém participando do processo de sua construção. Em 2011 não pude exercer a docência, mas continuei o projeto de extensão de Capoeira no Ifac e no treinamento de equipes para as competições esportivas locais, o que me levou aos Jogos Universitários Brasileiros (JUBS) em Campinas-SP com um estudante no atletismo. Também pude conhecer vários colegas da área no encontro nacional de professores de educação física da Rede Federal. Fui convidado para coordenar até a finalização da última turma do curso técnico subsequente em Cooperativismo que culminou com a formatura em 2012.

Logo em seguida, fui convidado a atuar na Pró-reitoria de Extensão na elaboração de projetos comunitários, mas tudo mudou com a extinção da Pró-reitoria de Extensão e criação da Pró-reitoria de Assistência Estudantil, onde atuei na coordenação de Cultura, Esporte e Lazer. Mas, em virtude de perceber as relações um tanto quanto desgastadas e para não ferir meus princípios solicitei minha dispensa da função e fui exercer exclusivamente as atividades docente no *Campus*, que em 2012 já havia se mudado para sua sede permanente, recém construída.

Em 2012, iniciei o sonhado mestrado em Saúde Coletiva na UFAC, o que impediu a realização do projeto de extensão de Capoeira no Ifac e limitou minha participação liderando equipes a poucos eventos esportivos. Mas no ensino, pela primeira vez atuando na minha área, ministrei aula no Proeja e no Integrado onde realizamos dois marcantes projetos que foi a I Feira Interdisciplinar de Educação Física e o I Passeio Ciclístico do Ifac.

Em 2013, além das disciplinas de Educação Física no Proeja e no Integrado estreei na graduação no curso de tecnologia em Processos Escolares com a disciplina Lazer e entretenimento onde pude realizar importantes projetos, como o Festival de Jogos e Brincadeiras Populares do Ifac, além de retomar o projeto de extensão Capoeira no Ifac.

Em 2014, concluí o mestrado determinado a ingressar no doutorado, mesmo que em outro estado, pois sabia que minha instituição me apoiaria. Logo em seguida, fui convidado a assumir a coordenação adjunta do Pronatec no *Campus* Rio Branco, responsável por todas as ofertas nos municípios do Baixo Acre. Ministrei as disciplinas Metodologia da Pesquisa e Lazer e Entretenimento em Ambiente Escolar, na graduação e no Proeja e Integrado, Educação Física. E seguia na extensão com a Capoeira no Ifac.

No mês de julho de 2014 saiu o resultado final do processo seletivo do doutorado em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz. O afastamento me permitiu entender o quanto é significativo o apoio à formação dos servidores para melhor qualificar seu trabalho. Vivi o afastamento pleno e cursei de maneira plena o doutorado.

Foi durante o afastamento para o doutorado que vivemos no Ifac um dos

momentos mais importantes, que foi a oportunidade de eleger nosso reitor e diretores gerais dos *campi*, pois até início de 2016 já haviam passados 4 reitores *pró-tempore*, e 9 diretores gerais e, pelo menos, 11 diretores de ensino no *Campus* Rio Branco, o que confirma minha teoria de “corrida armamentista” nos primeiros 6 anos da instituição.

Em 2018, ao retornar do doutorado, conclui a disciplina de Lazer e Entretenimento no Ambiente Escolar do curso de Processos Escolares e retomei o projeto de extensão Capoeira no Ifac. Ainda me adaptando às mudanças substanciais desde 2014, especialmente por conta da quantidade de novos servidores, de cursos e de alunos.

Soube do edital de credenciamento de docentes para atuar no Mestrado do ProfEPT e inscrevi na última hora, sendo o credenciamento efetivado com a participação no evento anual de alinhamento do programa na cidade de Goiânia-GO, onde pude conhecer um pouco as especificidades do programa e a necessidade de adaptação de minha parte.

O ano de 2019 as boas novas eram constantes, estava me preparando para atuar no mestrado, já havia retomado algumas turmas de educação física no integrado e uma turma de metodologia da pesquisa na graduação, bem como com o projeto de extensão Capoeira no Ifac já mobilizando pessoas. Esse era o meu projeto e desejo de trabalho, porém, assim que o semestre iniciou e com a saída do titular da Direção de Ensino, Pesquisa e Extensão do *Campus* fui convidado pelo Diretor Geral a assumir a pasta vaga.

Após ponderação coloquei duas condicionantes para que pudesse aceitar o desafio, a saber: a permanência como docente no ProfEPT e a continuação do meu projeto de extensão. Depois temi que, embora a “corrida armamentista” de outrora estivesse adormecida, as eleições que se avizinhavam para o ano de 2019 poderiam reavivar os conflitos e potencialmente eu poderia ser envolvido e, assim, coloquei minha terceira e última condicionante para assumir a direção que foi a não exigência de um posicionamento explícito, militância, no processo eleitoral caso a direção tivesse interesse em participar ativamente do pleito, o que significava assumir que eu estaria automaticamente fora de qualquer envolvimento direto. E assim assumi a missão na direção até a conclusão do mandato gestão, sendo eu o 13º diretor de ensino.

Ao assumir a direção, verifiquei que o meu desejo de “fazer” educação tomava um corpo até então não dimensionado, mas que esse não poderia ser suplantado pelo não desejo de poucos. Entendi que eu precisava compreender o porquê alguns colegas haviam desistido da educação, enquanto outros conseguiam se reinventar.

Constatei, na direção, que não se “faz” educação de excelência sozinho, mas que mesmo sem lideranças e/ou sem a identificação com ou a própria existência de um norte a balizar os processos educacionais e formativos o Ifac invariavelmente continuará a “fazer” educação.

No final desta primeira semana de maio de 2020 encerro minha missão à frente da Direção de Ensino, Pesquisa e Extensão do *Campus* Rio Branco com o sentimento de gratidão a todos os estudantes e servidores que “fazem” o *Campus* acontecer. Saliento que esta experiência me deu ainda mais clareza da importância de cada setor e de cada

servidor (TAE, docente e terceirizados) no alcance da excelência educacional pretendida e da importância de liderança nos variados processos necessários para que a educação “ocorra”.

Ao fechamento exato do ciclo dos 10 anos do Ifac tenho a certeza de que adentrei a uma instituição para construí-la do nada, mesmo sendo parte de uma rede centenária, e ao construí-la eu também estaria me construindo como educador e como pessoa. Tenho muito orgulho de ser Ifac e tenho muita gratidão do que o Ifac tem feito a mim, por isso, estarei sempre à disposição para fazer o meu melhor.

Figura 19 - Docente Cledir Amaral ao centro durante a abertura da Etapa Estadual da Olimpíada Brasileira de Robótica, no Shopping Via Verde etapa Estadual (2019)



Fonte: Acervo pessoal de Cledir Amaral.

Darueck Acácio Campos

Graduado em Sistemas de Informação pela Universidade Federal do Acre - UFAC (2003). Mestre em Engenharia Civil pela Universidade Federal Fluminense - UFF (2010). Doutor em Biologia Computacional e Sistemas no Instituto Oswaldo Cruz - Fiocruz (2018).

O Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Acre – Ifac entrou em funcionamento no final de 2009 em duas pequenas salas próximas à biblioteca da Universidade Federal do Acre - UFAC, espaço gentilmente cedido pela reitoria daquela instituição. Me chamo Darueck Acácio Campos e venho aqui relatar minhas memórias sobre esse momento tão peculiar da história do Ifac.

Me lembro que recebi com surpresa e felicidade a notícia de que finalmente teríamos um Instituto Federal em nosso estado. Prestei o concurso público (o primeiro realizado para nossa instituição) na escola estadual Heloísa Mourão Marques, tinha 32 anos, estava cursando meu mestrado em Engenharia Civil pela Universidade Federal Fluminense - UFF, trabalhava no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, com 2 filhos, uma linda esposa e uma banda de rock. A notícia da aprovação foi motivo de muita alegria e festa na minha família, especialmente meu pai, Prof. Aroldo Campos da Ufac, que me viu seguindo seus passos como docente em uma instituição federal.

Eu já ministrava aulas desde 2001 para crianças de 5^a série na escola estadual Humberto Soares, depois tive mais 4 anos de docência na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas Rio Branco – FIRB e Faculdade da Amazônia Ocidental - FAAO, mas a aprovação no concurso do Ifac bateu o martelo sobre qual seria minha principal profissão e vocação para o resto dos meus dias: Professor.

Inicialmente, foram disponibilizadas apenas 3 vagas para professores de informática, além de mim, foram aprovados a Prof.^a Ana Carla de Holanda e o Prof. Fábio Oliveira. Logo após o resultado final, antes mesmo de tomarmos posse, o nosso diretor de tecnologia, Anderson Galvão – naquele momento, único servidor da área de TI do Ifac - nos convidou para juntos começarmos a planejar a implantação do parque tecnológico do Ifac. Segundo, suas próprias palavras “foi na “camaradagem” mesmo, por pura necessidade”. Sigo amigo e em contato com o Anderson até os dias de hoje, ele é servidor, analista de TI e atualmente está lotado no Instituto Federal de Brasília - IFB. Entrei em contato com ele no início de junho de 2020 para conversarmos e relembramos daqueles dias de 10 anos atrás, quando o Ifac acabara de nascer e dava seus primeiros passos.

A Ana Carla ficou dando apoio nos sistemas de TI, o Fábio na área de redes, acompanhando a instalação da rede lógica e servidores, e eu acompanhei a montagem dos laboratórios de informática para as primeiras turmas que precisavam usar esses laboratórios. Pouco tempo depois nos foi pedido a documentação necessária para a posse e lembro de correr rapidamente atrás dessa documentação e entreguei antes dos meus 2

colegas, que ainda estavam se desvinculando de seus empregos anteriores, gosto de imaginar que por isso fui o “primeiro servidor” do Instituto (risos!), mesmo não sendo, pois Ana Carla e Fábio entraram comigo e nós 3 tomamos posse junto com todos os outros aprovados no primeiro concurso.

E então, houve nossa posse e vários outros colegas de diversas áreas se juntaram a nós, contribuindo para que o Ifac saísse do papel e se tornasse uma instituição de ensino, pesquisa e extensão na região Norte e no Brasil. Saímos das salas cedidas pela UFAC, nos mudamos então para o nosso primeiro Campus do Ifac, que ficava na avenida Antônio da Rocha Viana, onde hoje é a central de atendimento da Unimed (2020).

Naquele mesmo ano, colocamos a 1ª página do Ifac no ar, o primeiro sistema de concurso, o 1º sistema de gestão administrativa (Siga-adm), licitamos e adquirimos os primeiros equipamentos de TI, geradores, servidores, impressoras, montamos a rede lógica e os laboratórios de informática em todos os Campus e na reitoria que funcionava em uma parte do Campus Rio Branco.

De lá para cá ministrei disciplinas em diversos cursos, dos jovens do 1º ano do curso Integrado em Informática para Internet e Integrado em Redes aos formandos do curso Superior em Sistemas para Internet. Terminei meu doutorado no Instituto Oswaldo Cruz em Biologia Computacional e Sistemas, estou esperando meu 3º filho com minha esposa e maior parceira, continuo compondo canções, estou coordenador do nosso curso superior em tecnologia há um pouco mais de 1 ano e sigo muito feliz e orgulhoso de trabalhar em uma instituição que busca combater desigualdades com a melhor abordagem possível: a Educação. Obrigado!

Figura 20 - Docente Darueck Acácio Campos, de preto.



Fonte: Acervo da FIOCRUZ

Ana Carla Arruda de Holanda

Graduada em Sistemas de Informação pela Universidade Federal do Acre, Mestre em Ciências pela UFRRJ e Doutora em Ciência da Computação pela UFPE.

Me chamo Ana Carla Arruda de Holanda, tenho 41 anos e sou servidora do Instituto Federal do Acre – Ifac, desde 21/05/2010 como docente de Informática. Minha trajetória nesta instituição ocorreu a partir do primeiro concurso realizado no Acre. Lembro que quando vi o edital do concurso não compreendi, a princípio, qual o público alvo que atingiria. Pensei: - É uma outra UFAC? Isso se deve ao fato de que no nosso Estado não havia a cultura de Escola Técnica (tão forte em outros estados). Então fiz pesquisas e, ao ver a missão dos IFs tive a certeza que gostaria de auxiliar no processo de construção de uma instituição tão importante para a formação de nossos alunos.

Recordo que ao sair o resultado do concurso foi uma festa em minha casa. Minha mãe, como sempre, estava toda orgulhosa por ter conseguido passar em um concurso federal (esse é o sonho de muitos!) e se gabava ao dizer: Ela ficou em primeiro lugar... Foi um momento muito importante de realização profissional para mim.

Assim que saiu o resultado final do concurso fui contactada pelo Diretor de Tecnologia à época (Anderson Galvão) que fez uma reunião com alguns docentes que foram aprovados (eu, Darueck Acácio e Fábio Oliveira). Na reunião o Diretor verificou a nossa disponibilidade em auxiliá-lo na condução de atividades administrativas relacionadas à Tecnologia. Desta forma passamos a ajudá-lo nas demandas de Tecnologia da Informação para planejar e implementar estratégias necessárias ao início das atividades administrativas da instituição.

Nos debruçamos então, no planejamento de aquisição de equipamentos, de implantação de rede de computadores, contratação de serviços, identificação de softwares necessários, entre outras atividades administrativas. Foi uma época intensa e cheia de boas lembranças. Estávamos totalmente envolvidos e motivados com a instituição.

Tanto envolvimento e dedicação rendeu um convite para ser Coordenadora de Sistemas de TI, o qual aceitei prontamente. A partir de então participei de inúmeras capacitações em outros IFs que me trouxeram uma vivência e experiência profissional que jamais imaginaria ter. Alguns meses depois fui nomeada Diretora de Tecnologia do Ifac, cargo que ocupei por 1 ano.

Concomitante aos cargos administrativos iniciei também a docência. Momentos de grande aprendizado, acima de tudo, pois estava habituada a trabalhar com Ensino Superior e, me vi absorva em turmas de cursos integrados, EJA, técnicos e superior. Nossa! Tive de me reinventar e me adaptar às novas demandas e aos diferentes públicos.

Após a saída da Diretoria de Tecnologia participei da seleção de um mestrado ofertado através de um convênio do Ifac com a UFRRJ. E fui selecionada! A alegria era imensa, pois era mais um sonho que poderia se cumprir e posso dizer que o Ifac me proporcionou essa oportunidade! Iniciava, ali, um novo período, de construção de um

aprendizado que me traria benefícios como docente e, por consequência, possibilitaria a meus queridos alunos uma profissional mais habilitada para a mediação de um conhecimento compartilhado.

Em 2012 fui convidada a trabalhar no PRONATEC como Coordenadora dos cursos que eram ofertados também em outros municípios que não tinham a presença física da instituição pela Coordenadora Geral Myrna Freire Cunha. Abracei a causa! Estávamos podendo abrir o leque de opções para comunidades desassistidas em municípios tão carentes de educação. Foi assim, que conheci o universo da Educação à Distância e fui nomeada Diretora de Ensino, Pesquisa e Extensão do *Campus* EaD. Em 2014 finalizei o mestrado tendo a certeza de que a minha jornada como docente estava apenas iniciando. Trabalhei com afinco na EaD, mas percebia que necessitava de algo a mais. Precisava contribuir com a instituição agora de outra forma, me qualificando para proporcionar uma melhor formação a nossos alunos.

Pensando desta forma participei de duas seleções de Doutorado. Uma na Universidade Federal do Amazonas e outra na Universidade Federal de Pernambuco e, para a minha grata surpresa fui aprovadas nas duas. Ali percebi que este era o meu novo desafio. Iniciei o doutorado na UFPE (a escolha não foi fácil). Era necessário sair de casa, ir pra outro estado e permanecer por lá até a sua finalização. Foram momentos difíceis, longe da família, longe do aconchego da minha casa, me desdobrando em muitas para acompanhar um curso conceito 6. Foram muitos finais de semana estudando, mas sabia que era necessário!

Não podia desperdiçar mais essa oportunidade de estudar em uma Universidade considerada referência na minha área! Precisava mostrar pra muitos e, principalmente, para mim, que sou capaz! E aqui estou! Realizei a minha defesa de doutorado em junho de 2021 e o resultado foi maravilhoso! Foi a defesa n. 500 da UFPE, composta de somente mulheres: eu, minha orientadora e a banca totalmente feminina.

Foi um marco na instituição e rendeu uma defesa muito aguardada e com muita visibilidade. Entrevistas foram realizadas, uma comemoração foi realizada um dia após a defesa com direito a presença do reitor da instituição e não poderia ter tido um desfecho melhor diante de todas as dificuldades e desafios enfrentados.

Isso só foi possível porque o IFAC me proporcionou a oportunidade de me qualificar e de me tornar uma profissional melhor.

Sem dúvida, foi a melhor escolha que fiz quando resolvi ingressar no Ifac. Tive oportunidades profissionais que jamais imaginei que teria. Tive e tenho a oportunidade de me qualificar para me tornar uma profissional melhor.

Posso dizer que tenho muito orgulho em fazer parte desta instituição! E fico feliz em, de alguma forma, ter contribuído na construção dos pilares do Ifac. O tempo passou rápido. Já temos 10 anos de vida e me sinto honrada de fazer parte desta história!

Maria Clodomira Sales Viga

Graduada em Administração pela Unespa-PA e Especialista em em Didática e Docência do Ensino Superior pela Uninorte-AC.

Meu nome é Maria Clodomira Sales Viga, nasci em Cruzeiro do Sul-Acre, onde vivi até os 16 anos.

Meus pais eram comerciantes e tínhamos uma vida confortável na cidade, porém nas décadas de 70 e 80, a cidade era muito carente no que se refere a educação superior e outros. Estudei no Instituto Santa Terezinha onde terminei o antigo primeiro grau.

Aos 16 anos fui morar em Belém do Pará onde cursei o segundo grau e fiz o curso superior de Administração me formando como Bacharel em Administração.

Depois de nove anos morando em Belém do Pará, após minha formatura em 1991, retornei para o Acre e comecei minha vida profissional, em Cruzeiro do Sul, como servidora da Sanacre, antiga companhia de Saneamento do Acre. Na Sanacre ocupei vários cargos de gestão, desde assessorias, coordenações e diretoria. Em 1993 fui transferida para Rio Branco e trabalhei na Sanacre até 1999.

Nunca tinha pensado em ser professora, mas em 1999 recebi o convite da FIRB/FAAO para ministrar algumas disciplinas de Administração nos cursos de Ciências Contábeis, Administração e Secretariado. Mesmo sem experiência, porém precisando trabalhar, aceitei o convite e assim começava minha carreira de professora, não foi planejada e por esse motivo cheia de desafios.

Em 2001 recebi o convite para ser Assessora de Planejamento no IBAMA-AC e deixei, provisoriamente, por 1 ano, minhas atividades na docência.

Em 2002, retornei para a docência como professora na UNINORTE, a faculdade que tinha acabado de ser inaugurada e fui do primeiro grupo de professores da referida faculdade.

Em 2005 também comecei a ser docente na faculdade IESACRE.

Também fui mediadora de muitos cursos no Sebrae, Fespac, Senac, entre outros.

Trabalhei nessas faculdades até 2008 e em 2009 fiz o concurso para o Instituto Federal do Acre- Ifac, para o *Campus* Rio Branco, onde fui aprovada em terceiro lugar na área de Administração.

Durante esse tempo de trabalho na docência também fui me capacitando, fazendo cursos para me especializar, o curso que me deu muitas ferramentas para minha profissão foi a especialização em Didática e Docência do Ensino Superior. Então ao passar no concurso do Ifac, já tinha muita experiência e conhecimento na área, me possibilitando o sucesso no concurso acima citado.

Em junho de 2010 comecei a minha jornada profissional no Ifac, uma jornada muito complexa e cheia de desafios no início, pois, os primeiros servidores tinham que exercer vários papéis, pois éramos pioneiros.

Foi uma fase muito importante, enriquecedora, cheia de desafios e também angústias. Muitos servidores eram de outras cidades, ficavam por um tempo e depois

conseguiram a redistribuição, e hoje são poucos os servidores do primeiro concurso que estão ainda na instituição. Nós também ajudávamos esses servidores na procura de casas, apartamentos, mobília. Sempre fazíamos comemorações, encontros, sem dúvida tínhamos momentos de muita alegria durante a “construção” do Ifac.

Nos anos iniciais, do Ifac, os servidores viajavam muito para capacitações assim como também contribuía com as ações dos outros campi do estado. Eram muitas trocas de conhecimentos, decisões, planejamento, construção de matrizes, PPCs, ementas, planos de cursos entre outros documentos importantes para o funcionamento da instituição

Inicialmente, o Campus Rio Branco funcionou na Avenida Antônio da Rocha Viana, até o término da sede no Xavier Maia onde funciona até a presente data.

Além da docência, também ocupei cargo na área de gestão de pessoas, ocupando outros cargos de coordenação, coordenação de curso EAD e pela segunda vez, estou na coordenação do Curso Subsequente de Administração.

Também fiz parte do grupo de servidores que iniciou a criação do sindicato, o que levou a muitos conflitos com gestão anteriores.

Tem sido uma trajetória de realizações e também de frustrações por vários motivos, motivos esses que existem em todo ambiente de trabalho. Porém sou uma profissional realizada e enxergo na docência não somente a minha identidade profissional, mas a minha identidade como ser humano, que se realiza através da realização das outras pessoas, que fica feliz ao saber que um aluno conseguiu seus objetivos de vida, ao ver que muitos mudaram de vida e mudaram para melhor.

São muitos anos de trabalho e muitas histórias de vida, foram várias instituições de ensino e em cada uma delas muito aprendizado e realizações. Sabemos que a docência deveria ser mais valorizada no país, mas temos que fazer sempre o melhor possível, pois lidamos com vidas, com sonhos, com realizações, com sentimentos, com crescimentos, com o conhecimento, somos uma ponte que leva muitas pessoas para lugares mais altos.

O Ifac, veio para trazer mais oportunidades para o estado, para o povo do Acre e também para profissionais, que assim como eu, buscam oportunidades na docência e se empenham na busca de uma vida melhor para todos.

Figura 22 - Docente Maria Clodomira



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Clodomira

Dirlei Terezinha Fachinello

Graduada em Administração pela Universidade Federal de Rondônia (1998) e Mestre em Administração pela Universidade Federal de Rondônia (2010). Possui Especialização em Metodologia e Didática do Ensino Superior (UNESC) e em Educação Empreendedora (PUC/RIO).

Sou natural do Estado do Paraná, filha de gaúchos e neta de imigrantes italianos. Vim para a região norte (Rondônia) em meados dos anos 90, casei com um acreano e mudei para Rio Branco no ano de 2009, para acompanhar meu marido.

Concurso do Ifac – o início de tudo:

A notícia de um concurso para uma instituição federal de ensino me chamou atenção. No entanto, eu estava cursando o Mestrado em Administração, em fase de dissertação, e teria pouco tempo para estudar. Por insistência de amigos, fiz a inscrição e qual foi minha surpresa quando fui classificada e convocada na primeira turma de servidores do Ifac, com posse no dia 21 de junho de 2010. Confesso que, assim como a maioria dos colegas, não conhecia os Institutos Federais, o que o diferenciava das outras instituições. Isso foi um aprendizado que tivemos pós-posse.

O *Campus* Rio Branco iniciou suas atividades em uma sede provisória localizada na Avenida Antônio da Rocha Viana. A estrutura era precária, a rede elétrica não suportava todos os condicionadores de ar ligados ao mesmo tempo, então, fazíamos revezamento para suportar o calor. Não havia equipe de limpeza e manutenção, tampouco produtos de limpeza. Por várias vezes, nós levamos produtos e equipamentos de nossas casas e fazíamos a limpeza. Tudo isso foi se resolvendo aos poucos, com as licitações, compras e trabalho das equipes iniciais. Porém, quero destacar a união e a alegria que existia entre os servidores, todos faziam tudo com alegria e entusiasmo. Foi um grande aprendizado.

O início das atividades no *Campus* para mim foi impactante, pois na maior parte de minha vida, havia trabalhado na iniciativa privada, onde as coisas acontecem de forma mais rápida, sem discussões coletivas. Claro que a iniciativa privada tem seus encantos e importância no mundo, apenas uma dinâmica diferente, que era que eu conhecia até então. Então foi gratificante e ao mesmo tempo desafiador quando começamos a discutir cada PPC (Projeto Pedagógico de Curso), quando entendemos que o Ifac fazia parte de uma rede federal onde o significado de “rede” era de colaboração mútua, de se inspirar em quem tinha mais experiência e colaborar no que fosse possível. Bem, meu crescimento profissional no Ifac foi maravilhoso. Ocupei várias funções, desde 2010, sempre no intuito de contribuir e por amor à instituição. Já ocupei as seguintes funções: Coordenadora de Gestão de Pessoas no *Campus* Rio Branco, Coordenadora de Gestão de Pessoas na PROGP/Reitoria, Coordenadora de Capacitação e Desenvolvimento de Pessoas na PROGP/Reitoria, Diretora de Desenvolvimento de Pessoas na PROGP/Reitoria, Ouvidora na Ouvidoria/Reitoria, Coordenadora Adjunta do Pronatec no *Campus* Rio Branco, Diretora de Ensino Substituta do *Campus* Rio Branco,

Coordenação do Curso Superior de Tecnologia em Processos Escolares no *Campus* Rio Branco, Coordenadora Adjunta do Pronatec na DSPES/Reitoria, Diretora Sistêmica de Gestão de Pessoas na DISGP/Reitoria e Diretora de Desenvolvimento Institucional na PRODIN/Reitoria.

Além dos cargos citados acima, participei de inúmeras comissões das mais diversas naturezas como elaboração de PPC, processo seletivo de alunos, processo seletivo de servidores (substitutos e efetivos), organização de eventos, avaliação de projetos, Comitê científico do Ifac, processos seletivos para afastamento de qualificação entre outros.

Todas as comissões que participei e todos os cargos que ocupei foram de extrema importância, pois permitiram ter uma visão mais holística do Ifac, entender e compreender seu mecanismo e a missão institucional.

Um fato marcante também foi participar da construção do Planejamento Estratégico Institucional, pois foi construído de forma bastante consistente, democrática e profissional. Como professora de Administração, foi maravilhoso acompanhar ativamente deste documento.

Desenvolvi/participei de alguns projetos de ensino e extensão, como as Semanas Acadêmicas dos cursos de Tecnologia em Processos Escolares e Tecnologia em Logística. Um projeto de destaque foi a Feira do Estágio e Emprego que coordenei, com participação maciça na comunidade e de grande relevância e impacto.

Participei e testemunhei vários eventos importantes, como Congresso Norte e Nordeste de Pesquisa e Inovação – CONNEPI, Reunião Anual do Congresso Brasileiro para a Ciência – SBPC, entre outros.

Mas tudo isso que relatei (um pequeno resumo dos 10 anos) serviram para aprimoramento como professora. Minha função é ser professora. Minha vocação é ser professora. Minha alegria é ser professora. Tudo o que fiz e faço no Ifac e no *Campus* é pensando em como isso vai impactar a vida dos nossos alunos, razão da nossa existência institucional. Não há maior alegria para um professor do que ver seus alunos tendo sucesso na vida, ver que você fez parte da sua história e deixou uma marquinha na vida deles. Modéstia à parte, tenho feito isso.

Ministro aulas onde me é solicitado. Já trabalhei com os cursos Técnicos de Cooperativismo, Administração, Recursos Humanos e com os cursos Superiores de Tecnologia em Logística e Processos Escolares. Já ministrei aulas também em cursos FIC com o Pronatec. Em qualquer modalidade de ensino. É muito gratificante o orgulho que nossos alunos têm de nossa instituição, que vem crescendo e se aprimorando ao longo do tempo. Como professora, estou em constante aprendizado. Cada turma é um novo desafio, novas vidas que cruzam nosso caminho. Laços que se criam para sempre. Novos profissionais que ajudamos no seu processo de aprendizado.

Tenho recebido algumas homenagens e agradecimentos por serviços prestados à Instituição, Cartas de elogios e, o que mais me orgulha como docente, homenagens dos alunos.

Fui escolhida como patronesse da primeira turma de formandos do Curso de Tecnologia em Processos Escolares da Rede Federal, o primeiro marco. Fui também

escolhida como paraninfa, patronesse e professora homenageada em outras turmas dos cursos de Tecnologia em Processos Escolares e Logística.

Fazendo uma retrospectiva e analisando tudo o que construímos como instituição, só tenho orgulho. Fazer parte da rede federal de educação, ciência e tecnologia, ofertando ensino gratuito e de qualidade, buscando alcançar uma população que não teria outra oportunidade, é uma honra.

São só 10 anos e já fizemos tanto. Superamos muitas dificuldades, não foi uma tarefa fácil, mas quem disse que educação é fácil? No entanto há muito o que fazer ainda e estarei aqui para contribuir a vencer os próximos desafios, com muita gratidão.

Figura 23 - Docente Dirlei Terezinha Fachinello



Fonte: Arquivo pessoal de Dirlei Fachinello

Maria Ivanilda Souza da Silva

Licenciada Em Filosofia pela Universidade Federal Do Amazonas (Ufam), Especialista Em Psicopedagogia Pelas Faculdades Integradas De Várzea Grande, Especialista Em Filosofia Política Pela Sinal: Faculdade De Teologia e Filosofia, Especialista Em Educação Profissional Integrada À Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Do Amazonas (Ifam), Mestre Em Letras: Linguagem E Identidade Pela Universidade Federal Do Acre (Ufac), Doutoranda Em Filosofia Pela Universidade De São Paulo (Usp).

Assinei contrato no Ifac em 21 de junho de 2010, foi um momento muito marcante na minha vida, não apenas por estar me inserindo em uma instituição federal que é um dos maiores sonhos de qualquer servidor público, mas pelas novas experiências, pelo contato com pessoas tão diferentes, de cidades ou regiões tão distintas. Lembro que estávamos muito felizes, mas também muito curiosos para entender o funcionamento da rede federal.

Na primeira semana tivemos algumas palestras para entendermos melhor a dinâmica de funcionamento dos Institutos Federais e na semana seguinte fomos para o local onde iria funcionar o *Campus* Rio Branco. O mais interessante é que nas primeiras semanas de trabalho só haviam docentes, uma pedagoga e uma assistente social. Não tínhamos técnicos administrativos, pessoal de limpeza ou material de limpeza, então fizemos uma cota para solucionar o problema.

Os primeiros dias foram interessantes, uma soma de euforia e de frustração. Estávamos eufóricos por termos entrado em uma rede federal que tinha 100 anos de história, acreditamos que chegaríamos em uma instituição bem organizada, entretanto a frustração veio quando percebemos que, apesar dos 100 anos da rede, o instituto ao qual estávamos sendo inserido estava começando do zero, era tudo totalmente novo, não tínhamos conhecimento de nada com relação ao funcionamento dessas instituições.

Logo que chegamos na instituição nos deparamos com o dilema de já termos alunos selecionados para os cursos que seriam ofertados, mesmo sem a instituição ter qualquer servidor, ou seja, primeiro vieram os alunos e depois os servidores. Por isso, tivemos que nos adaptar e aprender tudo na prática. Lembro que tínhamos um curso de Cooperativismos, um PROEJA e Logística, tivemos que providenciar as matrizes curriculares dos cursos. Porém, a dúvida que passava em nossas cabeças, era saber como iríamos criar um currículo de um curso com um perfil de formação dos egressos se a maioria de nós não tinha uma base teórica do fundamento desses cursos? Utilizávamos como modelo a matriz curricular de outros institutos, mas isso não era muito apropriado já que os PPCs e as matrizes dos cursos devem levar em consideração as características

regionais e o contexto dos nossos alunos.

Para melhorar nossa formação foram oferecidas algumas vagas em um curso de especialização em educação de jovens e adultos pelo instituto Dom Moacir em parceria com o IFAM, ao qual tive oportunidade de participar. Esse curso foi muito proveitoso e me ajudou a entender melhor essa modalidade de ensino.

Trabalhar no Ifac foi desde o início um grande desafio, pois como nós sempre comentávamos, era como consertar a roda de um carro em movimento, tudo que nos era pedido era sempre para ontem, nunca tínhamos um prazo longo para nada, tudo era urgente. Lembro que tínhamos que providenciar os PPCs dos cursos e sempre nos confundíamos com os nomes, as vezes chamávamos PCC, e brincávamos que não se tratava de crime organizado, mas apenas do plano político pedagógico do curso.

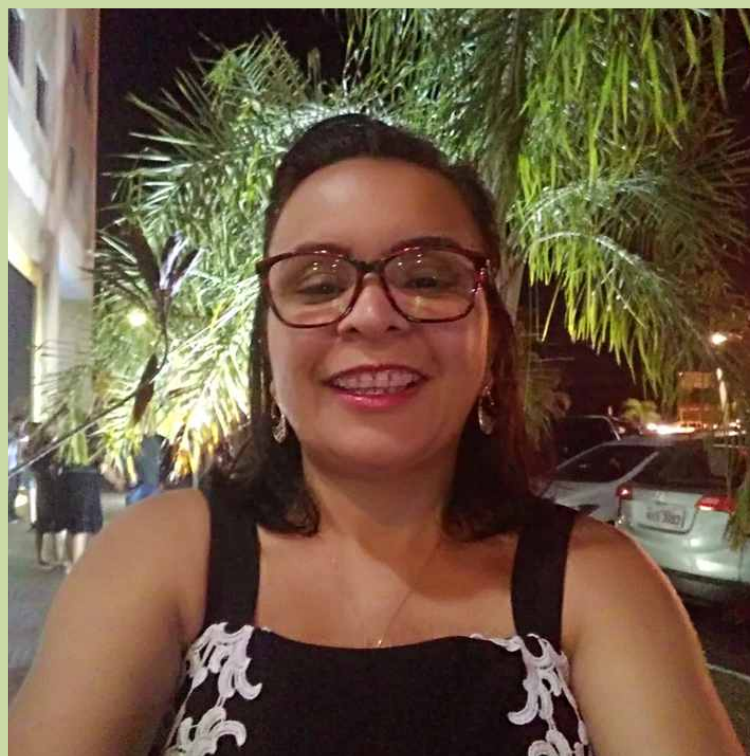
Acredito que os cinco primeiros anos da instituição foram os anos de maiores desafios, por estarmos em processo de implantação, nossos reitores e diretores de *Campus* eram pró-tempores, tivemos tantos diretores no *Campus* Rio Branco que até perdemos a conta. Tudo isso gerou um grande desgaste tanto emocional por parte de alunos e servidores, como para o próprio processo de implantação da instituição. Acredito que houveram muitas falhas nesse processo de implantação, o que gerou muitas perdas relativas a infraestrutura física como laboratórios, bibliotecas e materiais didáticos necessários para uma melhor qualidade do ensino.

Quem vê o Ifac dez anos depois não consegue imaginar quantos sonhos foram sonhados, quantas batalhas foram travadas, quantas lágrimas foram derramadas nesse processo, um simples relato como esse não seria capaz de desvelar tudo o que foi realmente vivido nesse período. No entanto, tudo isso faz parte da construção do processo educacional brasileiro que acaba por fazer as coisas sempre muito no improviso. Felizmente temos muitos profissionais capacitados e que se dedicam com muito amor a educação e foi exatamente isso que nos fez construir, ao longo desses dez anos, uma instituição que nos enche de orgulho.

Sinto-me extremamente orgulhosa por ver o avanço de nossos alunos, como os já citados primeiros alunos do PROEJA, por exemplo, outro dia encontrei uma aluna no supermercado e ela me disse toda orgulhosa que era fisioterapeuta. Imagina só a influência que tivemos na vida dessas pessoas, a princípio a finalidade da educação de jovens e adultos era elevar o nível de conhecimento desses alunos para que eles pudessem, de alguma maneira, ser inseridos no mundo do trabalho, a finalidade não era preparar para a universidade. Porém, para além de tudo isso, fomos capazes de dar suporte para que esses alunos pudessem continuar seus estudos e elevar cada vez mais seus conhecimentos, ou seja, aquele projeto intermediário se tornou muito maior do que aquilo que imaginávamos.

Os dez anos de Ifac me oportunizaram muitos ganhos pessoais, como a possibilidade de fazer um mestrado, já concluído na Ufac e um doutorado, ainda em andamento pela USP. Nesse momento, estou em processo de construção de minha tese e quando concluir mais essa etapa de qualificação profissional, estarei muito mais preparada para contribuir para a construção de uma instituição cada vez melhor.

Figura 24 - Docente Maria Ivanilda



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Ivanilda

Ana Maria Casarotti Franco

Graduada em Letras Português/Espanhol pela Universidade Estadual de Londrina/UEL (2004), especialista em Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras UEL (2006) e Mestre em Letras- Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (2011).

Ao iniciar a trajetória profissional como docente no Ifac/*Campus* Rio Branco, vi também surgir uma nova etapa na minha vida. Mais uma das que tive dentre os desafios por que passam os servidores na área de educação no Brasil. Neste caso específico, o grande desafio foi formar parte da equipe de primeiros servidores de um instituto federal em implantação no estado.

No dia da posse, estive presente no Teatro Plácido de Castro, no entanto, não pude participar da foto coletiva dos servidores ao final do evento. Infelizmente, precisei ausentar-me, pois naquele momento uma amiga perdeu o filho em um acidente grave. Esse registro histórico da posse ficou apenas em minha memória.

Lembro-me como se fosse hoje, o primeiro dia no *Campus* Rio Branco. O encontro com alguns dos colegas que havia conhecido na primeira semana de acolhimento aos servidores, o início de novas amizades e laços profissionais que se fortaleceram ao longo dos anos, mesmo com a mudança de muitos desses servidores para outros estados. Isto contribuiu para começarmos a vivenciar a tão propagada educação em rede. Enfim, o que seria fazer parte da rede federal de ensino técnico e tecnológico.

A condução das ações de gestão e planejamento do Ifac iniciou com a vinda de gestores, docentes e técnicos, de outros institutos. Os que estariam à frente do instituto vieram trazer a experiência vivenciada em outras instituições e mostrar caminhos possíveis para a realização das atividades.

Posso dizer que a expectativa dos servidores, ao menos de alguns pares, em relação a essa contribuição foi grande. Alguns colegas se mostraram mais abertos a esse auxílio, outros mais refratários aos que vieram de fora. Quanto a estes, me senti no lugar deles, pois vivenciei essa posição de “estrangeiro” quando cheguei no estado, três anos antes e que sinto na pele há quase 30 anos. Questão recorrente e complexa esta do ser emigrante! Os que se mudam com frequência, talvez, compreendam melhor essa dinâmica e os que não, que possam aprender a ter mais empatia.

As expectativas dos servidores foram de diferentes níveis. Conclusão óbvia, por haver colegas vindos de diferentes contextos de ensino e de diferentes regiões do país. Havia licenciados, bacharéis com pouca experiência de sala de aula, professores de ensino básico, de ensino superior, de pós-graduação, de instituições públicas ou privadas. A maioria com especialização, alguns com mestrado e poucos com doutorado. Com experiências boas e ruins. Muitos trazendo sua visão pedagógica, didáticas e metodologias por vezes já consolidadas e muitas fossilizadas. Terreno fértil para motivações e discordâncias, mas também para desavenças.

Ao entrar no instituto, minha expectativa inicial esteve relacionada diretamente a

questões pedagógicas: em que cursos seriam ministradas as disciplinas da minha área, como seriam os planejamentos para o ensino técnico, a que materiais didáticos teríamos acesso, entre tantos outros questionamentos referentes à prática de professor. Por outro lado, tinha uma visão mais realista de algumas escolas e universidades públicas. Visão está vinda em grande parte das realidades que vivenciei em instituições estaduais, tanto no Paraná quanto no Acre, e nas quais atuei como docente. Isto fez com que pautasse minhas expectativas em termos não muito sonhadores, mais “pé no chão”.

Hoje, refletindo sobre isto é que me dou conta do aprendizado que tive, a partir dessa decisão de olhar com olhos de aprender e apreender (n) esse novo contexto que se me acercava. Ali era tudo novo, apesar das experiências anteriores. Confesso que à época, os julgamentos e as exigências se davam de forma não tão tranquila e que precisávamos fazer frente a toda imposição vertical que nos vinha, às vezes, sem dar atenção à trajetória profissional de cada um. Marcar nosso espaço enquanto educadores responsáveis que éramos (e que somos). Talvez tenha sido isso o que permitiu que cada docente se veja hoje como parte dessa instituição e se orgulhe, apesar dos pesares (que ainda existem, pois somos humanos e falhos). Mas vamos dar crédito às coisas boas, elas existem e resistem também dentro do nosso instituto.

A realidade de ser um instituto novo nos mostrou que nossos papéis seriam mais complexos do que imaginávamos. Assumiríamos funções que demandariam mais tempo e dedicação de cada um. Não tínhamos nada pronto, pelo menos não documentos próprios do instituto. Modelos, exemplos de práticas exitosas, fomos colhendo e adaptando das instituições mais antigas da rede. Entre erros e acertos seguimos assim até hoje, entendendo melhor o funcionamento e a simbologia da rede e amadurecendo mais como comunidade escolar.

Iniciamos as formações e reuniões de planejamento dos cursos com os gestores da reitoria e do *Campus*. Muitos colegas docentes assumiram funções gratificadas na gestão desde o primeiro momento, principalmente, aqueles que não teriam disciplinas a serem ministradas. Por haver pouco espaço físico na sede provisória seriam ofertados poucos cursos, número que cresceria com a mudança para a sede definitiva quando concluída.

As demandas para os professores das áreas básicas de Língua Portuguesa e Matemática e da área técnica de Informática sempre foram as maiores. O que não nos possibilitou assumir outras funções no *Campus*, de início e por um longo tempo. Efetivamente, éramos somente duas professoras de Língua Portuguesa e dois professores de Matemática e assim estávamos com a carga horária sempre excedidas. Vieram mais professores, mas os cursos foram aumentando na mesma proporção. O que não permitiu folga na carga horária e muitas vezes não podíamos participar de uma ou outra reunião por estar em sala de aula.

Planejamos a forma de acesso, a oferta dos cursos, os projetos político-pedagógicos, as ementas das disciplinas, discutimos as metodologias, os recursos didáticos ao mesmo tempo que elaborávamos listagens bibliográficas intermináveis para a compra dos livros para o *Campus*, pois não tínhamos praticamente nada. Exceto alguns materiais doados e vindos de outros institutos e de alguns representantes de editoras no estado. Das primeiras listas que fizemos, poucos livros foram comprados. Depois de

muito tempo, reconhecemos alguns na biblioteca da sede definitiva, mas que já estavam desatualizados devido à demora na aquisição.

As primeiras turmas dos cursos planejados começaram a ter aulas no segundo semestre de 2010, na sede provisória do *Campus* Rio Branco, localizada na Avenida Antônio da Rocha Viana. O prédio recém pintado não era grande. Na parte da frente, os espaços foram divididos para as direções e coordenações e atrás ficavam as salas de aula, que eram poucas, salvo engano 04 no total e a sala dos professores. A princípio, a estrutura do prédio parecia boa; imagem que foi se desconstruindo no decorrer dos meses. Se tornaram salas estreitas pela quantidade de alunos e quentes, pois era recorrente o problema com os ares-condicionados. Na época de chuva, não podíamos contar com o gerador elétrico se faltasse energia, porque chovia no espaço onde estava localizado. As instalações eram um problema. Foi um alívio quando fomos para a sede definitiva, que também teve e tem problemas, mas é bem melhor que o espaço anterior.

Entre todas as dificuldades enfrentadas no *Campus*, a mais complexa e que talvez tenha sido a que mais contribuiu para o lento andamento dos processos e o desenvolvimento do instituto foi a troca constante dos gestores em tão pouco tempo. Seja na reitoria ou nas direções do *Campus*. Para mim, foram dias tensos e tristes! Enquanto professora me sentia impotente. Precisando de apoio pedagógico e suporte para os alunos, materiais para as aulas e não tendo estrutura suficiente para isso, apesar do discurso da gestão amenizar esse contexto. Tempos depois entendi a limitação dos gestores em cada esfera do organograma institucional, mas compreendi também o papel de cada um no funcionamento para uma gestão de qualidade. Talvez a teoria seja menos complexa. Esta é a visão de uma leiga que convive diariamente com um gestor público.

A gestão é um dos componentes essenciais para estruturar as ações a serem executadas em uma instituição. Dela dependem os planejamentos de todo o fluxo para o bom funcionamento do espaço escolar. Se a condução não está sendo bem alinhada dentro da equipe gestora, elementos se perdem e pode surgir problemas nas áreas administrativa e educacional. Sentimos as dificuldades dessa falta de alinhamento refletidas nos espaços do instituto, consequência das mudanças constantes de gestão. Ainda bem que atualmente estão mais esporádicas. Com isso é possível ver alguns avanços graduais nas ações desenvolvidas no instituto.

Nesse contexto de mudanças, outra questão que me sensibilizou e me fez refletir mais sobre minhas práticas tem a ver com um de meus mais dedicados estudos, o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras, especificamente da Língua Espanhola. Desde que entrei no instituto propus um projeto piloto para fortalecer o ensino de línguas no Ifac, poucos gestores deram atenção e somente um pouco antes de me afastar para pós-graduação que uma parte do projeto foi viabilizada. Volto um pouco mais esperançosa, mas ainda frustrada das lutas anteriores para conquistar esse espaço. Agora há outra batalha em campo, a oferta e a permanência do Espanhol na matriz curricular dos cursos do instituto. Essa dará outras histórias.

Frustrações à parte, pois todos as têm, ter atuado em diferentes modalidades e níveis de ensino me permitiu aprender a transitar com mais destreza por esses caminhos do ensino técnico e tecnológico e isso é uma experiência gratificante e enriquecedora.

Conviver com pessoas de diferentes áreas, ter a possibilidade de observar suas práticas e experienciar momentos de troca resulta motivador para minha atuação docente.

Ao retornar ao *Campus* depois de alguns anos fora, senti o acolhimento daqueles que nem imaginei. Os vigias, os ex-alunos, os servidores que foram meus alunos manifestando saudades com o olhar cheio de contentamento. Colegas queridos e amigos que fiz nesse tempo de entaves livrescos e lutas pedagógicas. Me sinto ainda parte importante desse instituto!

Nos últimos anos, acompanhei mesmo de longe os progressos ocorridos no *Campus* Rio Branco e no Ifac como um todo. Agradeço recorrentemente a cada um dos que contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento do instituto nesses 10 anos de história e ... quanta história! O Ifac começou a fazer a diferença no ensino do estado quando iniciou suas atividades. Há muito o que ser comemorado, mas também há muito o que se ter como meta de comprometimento com a educação.

Figura 25 - Docente Ana Maria Casarotti Franco



Fonte: Acervo pessoal Ana Maria Casarotti Franco

Paula de Lacerda Santos Ribeiro

Graduada em Engenharia Ambiental pela Universidade Católica de Brasília (2005), Mestre em Ecologia e Manejo de Recursos Naturais pela Universidade Federal do Acre (2009) e Doutora em Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal pela Universidade Federal do Acre (2017).

Lá se foram 10 anos de Instituto Federal do Acre e minha história nessa instituição começou antes mesmo da minha posse...

Estávamos na primeira fase do concurso público, eu e o bebê que estava na minha barriga. Durante a prova objetiva eu nem sabia que poderia ter solicitado atendimento especial, pois já me encontrava no último trimestre de gestação. Passamos para a segunda fase muito bem colocados, eu estava na 40ª semana de gestação e o bebê poderia nascer a qualquer momento.

Me lembro como se fosse hoje, meu obstetra na última consulta me perguntou:

- Você vai querer fazer a prova didática? E eu disse:

- Sim Doutor, eu tenho chances de passar nesse concurso, estou bem colocada. Ele continuou:

- Mas você já está com dilatação. Esse bebê irá nascer nas próximas horas. Eu respondi:

- Não Doutor, ele vai esperar até segunda-feira para que poder fazer a prova.

E assim que fui embora, com dizem os Acreanos, com o bucho na goela, para casa afim de elaborar a minha prova didática.

Durante os dois dias que antecederam a realização da segunda fase, eu passei conversando com meu bebê, dizendo a ele que poderia esperar, pois a prova era muito importante para nós dois. E assim foram durante esse final de semana, uma mão na barriga e outra no computador.

Na segunda-feira fui realizar a prova didática, no meio da tarde, arrastada, com a barriga enorme, carregando computador, Datashow, livros, exercícios, tudo que era necessário para ministrar aquela que seria a minha melhor aula.

Terminado aquele momento fui direto ver o médico, já estava com 41ª semanas de gestação, o feto já estava passando da hora. Então o médico agendou a internação para as primeiras horas da terça-feira. Nem foi necessário esperar pela cirurgia, o bebê foi tão obediente que no início da noite ele mesmo decidiu nascer estourando a bolsa!!! No Ifac ele ficou conhecido como aluno 001!!!!

E assim iniciou a minha história no *Campus* Rio Branco. O início foi bastante complicado, com estruturas precárias, não tínhamos pessoal de serviços gerais, nós que trazíamos material de limpeza para limparmos os banheiros. A rede elétrica era terrível, tínhamos que revezar a hora para ligarmos o ar condicionado. Mas tudo isso foi superado por nossa vontade de fazer o Ifac dar certo. Essa questão do ar condicionado foi um fato muito curioso, quando estávamos em uma sala e o ar condicionado era desligado conforme o planejamento para não sobrecarregar a rede elétrica, pegávamos nossos

computadores e íamos procurar uma outra sala que estivesse o ar condicionado ligado.

Com 15 dias após a nossa posse, já estávamos em sala de aula recebendo nossos primeiros alunos. Tivemos pouco tempo para planejarmos o curso no qual eu fui contratada, Curso Técnico Subsequente em Segurança do Trabalho.

Não tínhamos ônibus, nem equipamentos para realizamos as aulas práticas, necessárias para formação dos nossos alunos, mas como bons brasileiros, demos um jeito!!! Eu lembro que aproveitei a obra de construção do sistema de água e esgoto que estavam construindo na frente do nosso prédio e fui para lá ensinar na prática!!!

A vinda do Ifac para o Acre trouxe muita esperança e oportunidade a população. Nossos alunos abraçaram a instituição e sua falta de estrutura não foi um empecilho em seu aprendizado, os alunos tornaram a fazer as aulas práticas em seus próprios veículos, ou mesmo de ônibus circular. Quantas e quantas vezes eu mesma fiz várias viagens para conseguir levá-los todos os alunos para uma visita técnica.

E o que ganhamos com isso?

Os melhores alunos, os mais bem colocados em concursos públicos!!!

A adversidade não foi o problema, pelo contrário, achamos um caminho, construímos um trilho para as próximas turmas que estavam por vir.

Com a conclusão da sede definitiva do Campus Rio Branco, nos mudamos com toda a estrutura física para realização de nosso trabalho. Foram tempos bons, tudo novo, com muito ar condicionado e banheiros!!!!

E assim conseguimos formar 16 turmas até o presente momento, além de sermos inseridos e reconhecidos como uma instituição sólida, preocupada e dedicada em formar cidadãos responsáveis e modificadores da realizada na qual estão inseridos.

Figura 26 - Docente Paula de Lacerda Santos Ribeiro



Fonte: Arquivo pessoal de Paula de Lacerda Santos Ribeiro

Considerações Finais

A história do Ifac/*Campus* Rio Branco de 2010 a 2020 é encontrada de forma confusa nos seus documentos técnicos sem uma padronização que dificulta a análise das informações. Nesse contexto, o desafio maior está em organizar tais dados além de justificar a importância de pesquisas voltadas a memória institucional.

Os dados aqui apresentados objetivam lançar luz sobre temas que merecem ser aprofundados, já que se trata de um primeiro trabalho sobre memória e identidade voltado para o Ifac/*Campus* Rio Branco. Ademais, entende-se que o Ifac/*Campus* Rio Branco precisa empreender ações para o fortalecimento da cultura organizacional e escolar possibilitando na instituição a construção de uma identidade de carreira e de uma memória institucional.

Na análise de dados das história de vidas dos docentes observou-se que alguns deles iniciaram o trabalho no Ifac através dos trâmites internos administrativos antes da sua posse para auxiliar no recebimento dos primeiros servidores e também das primeiras turmas, que ocorreu em um tempo muito exíguo para toda demanda relacionada ao ensino e gestão que estava proposta para o segundo semestre de 2010. Além disso, durante os primeiros anos e com sedes alugadas, os servidores ficavam alocados em espaços com pouca estrutura predial para exercerem suas funções laborais. Após a ida para a sede definitiva do *Campus* Rio Branco não houve relato sobre desconforto ligados a infraestrutura.

A maior dificuldade analisada foi a descontinuidade dos gestores, tanto dos Pró-Reitores do Ifac, quanto dos Diretores Gerais, de Ensino e Administrativo do *Campus* Rio Branco. Tais mudanças e sem continuidade no planejamento de gestão ocasionou conflitos internos e dificuldade em se finalizar as etapas propostas anteriormente, além do acúmulo de atividades devido o quadro efetivo ainda ser pequeno no início.

Mesmo com toda turbulência, os docentes fizeram questão de afirmar que sua vocação era a docência e que este caminho entre os seus sonhos e as suas realizações eram concretizados através da visualização de seu trabalho junto ao melhoramento da qualidade de aprendizagem de seus alunos.

Há que se reconhecer, contudo que a Rede Federal conseguiu imprimir o seu compromisso social entre os servidores, assim como as atividades de ensino permitiram realização profissional e pessoal dentre os pesquisados. A certeza de que se está “colocando trilhos”, “construindo pontes” ou “inaugurando caminhos” é sempre bem evidente nos relatos e indicam que a consecução dessa nova institucionalidade que é a Rede Federal de EPT e, particularmente no Ifac/*Campus* Rio Branco, nos traz a ideia de que ainda há um longo caminho a ser percorrido até que se alcance de fato os objetivos e finalidades da EPT.

Referências

- AGUIAR, Luiz Edmundo Vargas de. **Educação para a vida**. Escola de Formação da Educação Profissional Científica e Tecnológica. Paraná: LT, s.d.
- ALVAREZ, Carmem Paola Torres. **Governança da educação profissional e tecnológica**: uma análise do contexto da Amazônia Ocidental. 2013. 141 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação Profissional e Tecnológica – Universidade de Brasília. Brasília, 2013.
- ALVAREZ, Carmem Paola Torres. ACÁCIO, Maria Lucilene Belmiro de Melo. Caminhos para a consolidação do currículo da educação profissional integrada ao ensino médio: a experiência do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre. In: SOBRINHO, Sidnei Cruz; PLÁCIDO, Reginaldo Leandro; RIBEIRO, Eduardo Augusto Werneck. (orgs.) Os “Nós” que fortalecem a Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica: Experiência e Expertises nos/dos Institutos Federais. Blumenau: IFC, 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: A busca por segurança no mundo atual. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BENDASSOLLI, Pedro Fernando. **Trabalho e identidade em tempos sombrios – Insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho**. Aparecida: Ideias & Letras, 2007.
- BIBLIOO. Revista Biblio Cultura Informativa. **Os filhos dos dias**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://biblioo.info/os-filhos-dos-dias/>. Acesso em: 05 abr. 2021.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Observatório do Profept**, 2021. Disponível em: <https://obsprofept.midi.upt.iftm.edu.br/>. Acesso em: 23 abr. 2021.
- BRITO, Wanderley Azevedo de, et al. **Autoavaliação ProfEPT** [livro eletrônico]: relatório técnico 2017-2020. 1. ed. Vitória, ES: Programa de pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT): Núcleo de Autoavaliação e Planejamento Estratégico do PROFEPT (NAPE), 2021. Disponível em: https://portal.ifro.edu.br/images/Jornalismo/03-Marco-2021/26-03/Autoavaliacao_ProfEPT_-_Relatorio_de_Tecnico_2017-2020_-_NAPE-_marco_2021_1.pdf. Acesso em: 05 abr. 2021.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.

CARVALHO, Mauro. **A construção da identidade no espaço escolar**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1, jan. jun. 2012. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/2161/2521>. Acesso em: 05 jul. 2020.

CERTO, Samuel C. **Administração Moderna**. 9. Ed. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

CONSELHO NACIONAL DAS INSTITUIÇÕES DA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA (CONIF). **Linha do tempo**. 110 anos da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (1909-2019), 2019. Disponível em: <http://110anos.redefederal.org.br/#inicio>. Acesso em: 05 abr. 2021.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino industrial-manufatureiro no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, n. 14, mai/jun/ago, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a06.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2020

ESCOTT, Clarice Monteiro; MORAES, Márcia Amaral Correa de. História da Educação Profissional no Brasil: As Políticas Públicas e o novo cenário de formação de professores nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil. **Anais**. João Pessoa: UFP, 2012, p. 1492- 1508. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/54354450/a-historia-da-educacao-profissional-no-brasil>. Acesso em: 16 out. 2019.

GOMES, Heloisa Maria; MARINS, Hiloko Ogihara. **A ação docente na educação profissional**. São Paulo: SENAC, 2010.

INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ (IFCE). **Acervo online**: Entre a história e a memória do IFCE. Fortaleza, CE. Disponível em: <http://ifce.sanusb.org/hist%c3%b3ria/#event-acervo-online-entre-a-historia-e-a-memoria-do-ifce>. Acesso em: 05 jan. 2021.

FIGUEIREDO, Natália Gomes da Silva; SALLES, Denise Medeiros Ribeiro. Educação Profissional e evasão escolar em contexto: motivos e reflexões. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação [online]. 2017, v. 25, n. 95, pp. 356-392. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362017002500397>. Acesso em: 23 jun. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Relatório de Gestão do exercício de 2010**. Rio Branco, AC, 2011. 63 p. Disponível em: https://ifac.edu.br/images/conteudo/documentos/rel_gestao/Relatorio_de_Gestao_2010.pdf. Acesso em 18 out. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Relatório de Gestão do exercício de 2011**. Rio Branco, AC, 2012. 119 p. Disponível em: https://www.ifac.edu.br/index.php?option=com_docman&task=doc_detail&gid=859&Itemid=268. Acesso em: 18 out 2019.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Relatório de Gestão do exercício de 2012**. Rio Branco, AC, 2013a. 150 p. Disponível em: https://www.ifac.edu.br/index.php?option=com_docman&Itemid=259. Acesso em: 18 out 2019.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **IFAC sedia I Seminário da Escola Nacional de Formação da EPCT**. 2013b. Disponível em: https://www.ifac.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=726. Acesso em: 18 out 2019.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Relatório de Gestão do exercício de 2013**. Rio Branco, AC, 2014a. 187 p. Disponível em: https://www.ifac.edu.br/index.php?option=com_docman&Itemid=259. Acesso em: 18 out 2019.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Resolução nº 187/2014 do IFAC**. Estatuto da Instituição. 2014b. Disponível em: https://www.ifac.edu.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=291&Itemid=120. Acesso em: 5 Jan. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Carta de Serviços aos Cidadãos**. 2014c. Disponível em: <https://www.ifac.edu.br/index.php>. Acesso em: 05 Jan. 2019

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Plano de Desenvolvimento Institucional do IFAC (PDI-IFAC)**. 2014d. Disponível em: <https://www.ifac.edu.br/transparencia-e-prestacao-de-contas/plano-de-desenvolvimento-institucional-pdi>. Acesso em: 05 jan. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec)**. 2014e. Disponível em: <http://pronatec.ifac.edu.br/index.php/2014-10-09-22-32-25/onde-estamos>. Acesso em: 05 jan. 2019

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Relatório de Gestão do exercício de 2014**. Rio Branco, AC, 2015. 214p. Disponível em: https://portal.ifac.edu.br/images/conteudo/documentos/rel_gestao/Relatorio_de_Gest_ao_2014.pdf. Acesso em: 18 out. 2019

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Relatório de Gestão do exercício de 2015**. Rio Branco, AC, 2016a. 380p. Disponível em: https://portal.ifac.edu.br/images/conteudo/documentos/Auditorias/2015/Relatorio_de_Gestao_2015.pdf. Acesso em: 18 out 2019.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Histórico do IFAC. 2016b**. Disponível em: <https://www.ifac.edu.br/transparencia-e-prestacao-de-contas/historico#:~:text=O%20Instituto%20Federal%20do%20Acre,ao%20m%C3%A9dio%20e%20superiores%20em>. Acesso em: 05 jan. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Estrutura do Campus Rio Branco**. 2016c. Disponível em: <https://portal.IFAC.edu.br/estrutura.html>. Acesso em: 21 fev. 2020.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Relatório de Gestão do exercício de 2016**. Rio Branco, AC, 2017a. 421p. Disponível em: <https://ifac.edu.br/images/conteudo/documentos/Auditorias/2016/RELATORIO-DE-GESTAO-2016.pdf>. Acesso em: 18 out. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **IFAC inaugura Ginásio Poliesportivo do Campus Rio Branco**. Evento contou com homenagens, e ainda apresentações cultural e esportiva. Rio Branco, 30 mar. 2017b. Disponível em: <https://ifac.edu.br/ultimas-noticias/72-Campus-rio-branco/845-foi-inaugurado-na-manha-desta-quinta-feira-30.html>. Acesso em 18 out. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Inauguração do Ginásio Poliesportivo Juliana de Souza Dantas**. Rio Branco, Ac. 2017c. Disponível em: <https://www.facebook.com/ifacoficial/photos/gm.1352566211466650/1160690300708258>. Acesso em 18 out. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Relatório de Gestão do exercício de 2017**. Rio Branco, AC, 2018a. 319p. Disponível em: <https://portal.ifac.edu.br/images/conteudo/documentos/Auditorias/2017/Relatorio-Gestao-2017.pdf>. Acesso em: 18 out. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Relatório de Gestão do exercício de 2017 do Campus Rio Branco**. Rio Branco, AC, 2018b. 41p.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Três anos de gestão. Síntese de Ações e Projetos**. 2018-2019. Rio Branco, AC, 2019. 11p. Disponível em: <https://web.ifac.edu.br/reitora/2019/05/21/tres-anos-de-gestao-relatorio-2018-2019/>. Acesso em: 18 out. 2019.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Instituto Federal do Acre lança novo portal online**. Rio Branco, AC, 2020a. Disponível em: <https://www.ifac.edu.br/noticias/2020/dezembro/instituto-federal-do-acre-lanca-novo-portal-online>. Acesso em: 18 dez. 2020 INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Ifac convida comunidade para 1º defesa do Mestrado ProfEPT**. Rio Branco, AC, 2020b. Disponível em: <https://web.ifac.edu.br/profept/2020/08/24/ifac-convida-comunidade-para-1o-defesa-do-mestrado-profept/>. Acesso em: 05 abr. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Organograma Geral do Ifac**. Rio Branco - AC, 2021a. Disponível em: <https://www.ifac.edu.br/transparencia-e-prestacao-de-contas/organograma>. Acesso em: 05 abr. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DO ACRE (IFAC). **Organograma do Campus Rio Branco**. Rio Branco - AC, 2021. Disponível em: https://www.ifac.edu.br/lai/documentos/organograma_rio_branco.jpg. Acesso em: 05 abr. 2021.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MANFREDI, Silvia Maria. **Educação profissional no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

MARTINS, Eliane Epifane; NETTO, Carlos Xavier Azevedo. Instituições-Memória e as Práticas De Preservação Da Memória Social na cidade de Belém/PA. **XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. (XVII ENANCIB), Bahia, 2016.

MEDEIROS, Jássio Pereira de; TORRES, Leonor Lima. **Relações entre cultura organizacional e trabalho docente no Instituto Federal do Rio Grande do Sul**. Roteiro, Joaçaba, edição especial, p. 241-272, dez 2018.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A história, cativa da memória?** Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, 34, 1992, p. 9-24. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70497>. Acesso em: 06 mar. 2020

MICHEL, Margareth de Oliveira; MICHEL, Jerusa de Oliveira. **A Memória Institucional** – Santa Casa POA/RS. Conexões Culturais – Revista de Linguagens,

Artes e Estudos em Cultura. Foz do Iguaçu, v. 02, nº 01, p. 122-130. 09 mar. 2016. Disponível em: <https://periodicos.claec.org//index.php/relacult/article/view/72/86>. Acesso em: 18 nov 2018

NÓBREGA, Erickson Faustino da; SOUZA, Francisco das Chagas Silva. **Educação Profissional no Brasil: uma trajetória de dualidade e exclusão**. RECEI, v. I, n. 03, dez., 2015. Disponível em: <https://periodicos.uern.br//index.php/RECEI/article/view/1698>. Acesso em: 05jul 2020.

NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História. v. 10, p. 7-28. São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, José Roberto de; RAMOS, Tassila Oliveira; FARTES, Vera Lúcia Bueno (orgs). **Memórias, educação e produção do conhecimento no Instituto Federal da Bahia (IFBA)**. Salvador – BA: Editora do Instituto Federal da Bahia – Edifba, 2017. Disponível em: https://portal.ifba.edu.br/prpgi/editora/livros/multidisciplinar/memorias_educacao_ifba.pdf. Acesso: 10 fev. 2019.

PACHECO, Eliezer Moreira. **Perspectivas da Educação Profissional Técnica de Nível Médio**. Proposta de Diretrizes Curriculares. Fundação Santillana. São Paulo Moderna, 2012.

PACHECO, Eliezer Moreira. **Desvendando os Institutos Federais: Identidade e Objetivos**. EPT em Revista. Educação Profissional e Tecnológica em Revista, v. 4, nº 1, 2020. Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/575>. Acesso em: 23 abr. 2020.

PINHEIRO, Luciene de Almeida Barros. **O desenvolvimento profissional de pedagogos da educação profissional e tecnológica do Instituto Federal do Acre: contribuições de uma proposta formativa em ação**. 2018. 273 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Centro, 2018.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François et. al. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. Coimbra: AnnaBlume, 2012. Disponível em: <https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/38339/1/Memoria%20coletiva%20e%20teoria%20social.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2020.

SILVA, Gabriela Barbosa de Farias Andrade e. **Exclusão social e exclusão escolar:** Uma análise da trajetória escolar de alunos/as de alunos de Curso Técnico em Administração, na modalidade PROEJA, realizado no IFAC/Campus Rio Branco. Rio Branco, 2013. Disponível em: http://sigproj.ufrj.br/apoiados.php?projeto_id=137859. Acesso em: 04 ago. 2020.

SILVA, Elane Cristine Almeida da; RIBEIRO, Josina Maria Pontes; PEREIRA, Ricardo dos Santos. **10 anos de Instituto Federal do Acre (Ifac):** Construindo Histórias de vida e trabalho no Campus Rio Branco. Anais [recurso eletrônico]: IV

“

”

**Memória é vida. Seus portadores
sempre são grupos de pessoas
vivas, e por isso a memória
está em permanente evolução**

”

Pierre Nora

”